

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTRATÉGIA E ORGANIZAÇÕES

DISSERTAÇÃO

**CAPITAL SOCIAL NA CONFIGURAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO EM REDE
INTERNACIONAL DE UNIVERSIDADES: Estudo de caso da
Associação Universidades Grupo Montevideu (AUGM)
no período de 1991 a 2011.**

CURITIBA

2012

LARISSA CRISTINA DAL PIVA MOREIRA

**CAPITAL SOCIAL NA CONFIGURAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO EM REDE
INTERNACIONAL DE UNIVERSIDADES: Estudo de caso da
Associação Universidades Grupo Montevideu (AUGM)
no período de 1991 a 2011.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, Linha de Pesquisa em Estratégia e Análise Organizacional, Departamento de Administração Geral e Aplicada, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Sandro Aparecido Gonçalves

CURITIBA

2012

TERMO DE APROVAÇÃO

LARISSA CRISTINA DAL PIVA MOREIRA

**CAPITAL SOCIAL NA CONFIGURAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO EM REDE
INTERNACIONAL DE UNIVERSIDADES: Estudo de caso da
Associação Universidades Grupo Montevideu (AUGM)
no período de 1991 a 2011.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Administração, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Sandro Aparecido Gonçalves
Departamento de Administração Geral e Aplicada, UFPR

Prof. Dr. Cleverson Renan da Cunha
Departamento de Administração Geral e Aplicada, UFPR

Prof. Dr. Edson Ronaldo Guarido Filho
Universidade Positivo

Curitiba, 29 de março de 2012.

Aos meus pais, Sérgio e Gema.
Ao meu esposo Hálisson.
Por todo o amor, por quem sou e
por tudo o que conquistei.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, benção e proteção sempre.

À minha família pelo apoio incondicional.

Ao professor Sandro Gonçalves, pela orientação e confiança.

Aos demais professores e aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Administração que de uma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Administração Geral e Aplicada pelo auxílio nas questões formais e burocráticas.

À Assessoria de Relações Internacionais da UFPR pela oportunidade de participação na XIX Jornada de Jovens Pesquisadores, que ocorreu em outubro de 2011 em Ciudad del Este - Paraguai.

A secretaria executiva da AUGM pela atenção e receptividade na sede em Montevideu-Uruguaí e pelo apoio no fornecimento de dados da organização para a realização deste trabalho.

Ao colega mestre Celso Egídio Lopes pelo apoio na elaboração dos mapas da rede AUGM.

À Capes, pelo auxílio financeiro.

*“O mestre disse a um dos seus alunos:
Yu, queres saber em que consiste o conhecimento?
Consiste em ter consciência tanto de conhecer uma coisa quanto de não a conhecer.
Este é o conhecimento.”
Confúcio*

RESUMO

No atual contexto de sociedade globalizada, as universidades desenvolvem diferentes tipos de atividades de cooperação que se traduzem em convênios interinstitucionais e formação de redes organizacionais. Essas redes são iniciadas por meio das relações interpessoais estabelecidas entre os membros das comunidades acadêmicas e científicas para então serem institucionalizadas. Dessa forma, o presente trabalho traz à tona as teorias administrativas de capital social para analisar como este influencia na configuração de uma organização internacional em rede, especificamente de universidades. O objeto escolhido para estudo de caso com abordagem qualitativa foi a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM). Esta organização tem sua particularidade porque, além de ter sido fundada em 1991 como uma organização em rede de caráter internacional, é a única organização ativa hoje composta por universidades públicas presente na região do Cone Sul da América do Sul. A importância desse estudo também se justifica pelo fato de observar o desempenho organizacional sob a perspectiva sociológica do capital social, não sendo somente uma análise econômica da organização. Partindo-se assim do pressuposto que a motivação para criação ou participação em uma organização em rede nem sempre é dado por razões econômicas, mas por laços de afetividade e confiança entre membros, este trabalho assume uma concepção epistemológica interpretativista e apresenta uma abordagem qualitativa com método de estudo de caso e técnicas de entrevistas focadas e análise de redes sociais. Após análise dos dados primários e secundários, bem como mapeamento da rede organizacional com o auxílio do software UCINET, percebeu-se que, em razão de um conjunto de ativos intangíveis desenvolvido com base nas relações interpessoais mantidas nas organizações da rede, a AUGM foi institucionalizada tanto nas universidades membros como no ambiente internacional, possuindo assim um capital social coletivo. Analisou-se que por meio das relações de confiança dos membros foi possível estabelecer normas e expectativas para o desenvolvimento das atividades da rede, levando em conta uma mesma linguagem de

significados acadêmicos e uma riqueza de informação estabelecida por canais apropriados. Conclui-se assim que, além da dimensão estrutural do capital social suportada pelo formato de rede organizacional, as dimensões relacional, cognitiva e informacional influenciaram na configuração da AUGM tanto durante a fase de sua formação quanto ao longo de sua evolução até o ano 2011.

Palavras-chave: capital social; organização em rede; rede internacional de universidades; Associação de Universidades Grupo Montevideu

ABSTRACT

In the current context of global society, universities develop different types of cooperative activities that are translated into institutional agreements and organizational networks. These networks are initiated through the interpersonal relationships established between members of the academic and scientific communities and then are institutionalized. Thus, this study brings out the administrative theories of social capital to analyze how it influences the configuration of an international network, specifically at the university internationalization context. The object chosen for case study with qualitative approach was the Association of Universities Grupo Montevideo (AUGM). This organization has its own special because, besides having been founded in 1991 as a network organization with an international character, is now the only active organization composed of public universities in the region of the Southern Cone of South America. The importance of this study is also justified by the fact of observing organizational performance from a sociological perspective of social capital and it is merely an economic analysis of the organization. From the assumption that the motivation for creation or participation in a network organization is not always given for economic reasons, but by ties of affection and trust between members, this paper assumes an epistemological interpretive approach and presents a qualitative method with case study technique with focused interviews and analysis of social networks. After analysis of primary and secondary data, as well as organizational network mapping with the aid of the software UCINET, we noticed that, due to a set of intangible assets developed based on interpersonal relationships in organizations maintained in the network, AUGM was institutionalized both in universities members and in the international environment, thus having a collective social capital. We analyzed that through the trusts of the members was possible to establish standards and expectations for the development of the network activities, taking into account the same meanings academic language and a wealth of information through appropriate channels established. It follows that, besides the structural dimension of social capital network

supported by its network format, the relational, cognitive and informational dimensions influence in the configuration of AUGM both during the phase of its formation in 1991 and throughout its evolution until the year 2011.

Keywords: social capital, network organization, international network of universities, Association of Universities Grupo Montevideo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura organizacional formal da AUGM	51
Figura 2 – Mapa da rede AUGM em 1991	54
Figura 3 - Mapa da rede AUGM em 2001	60
Figura 4 - Mapa da rede AUGM em 2011	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos constitutivos, aquisição e compartilhamento de capital social.....	16
Quadro 2 – Tipologia de redes internacionais.....	30
Quadro 3 – Definição operacional de Capital Social.....	35
Quadro 4 – Definição operacional de Organização em Rede.....	37
Quadro 5 – Análise das dimensões do capital social na rede AUGM.....	72

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT	ix
LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE QUADROS	xi
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	2
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	3
1.3 JUSTIFICATIVA TEÓRICA	3
1.4 JUSTIFICATIVA PRÁTICA	5
1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO-EMPÍRICO.....	8
2.1 CAPITAL SOCIAL	8
2.1.1 Capital social para Pierre Bourdieu	8
2.1.2 Capital social para James Coleman e Robert Putnam	10
2.1.3 As dimensões e os níveis do capital social	11
2.1.4 Capital social em redes	14
2.2 ORGANIZAÇÃO EM REDE	17
2.2.1 Configuração de redes e análise de redes sociais.....	20
2.3 REDE INTERNACIONAL DE UNIVERSIDADES	24
3 METODOLOGIA	32
3.1 CONCEPÇÕES EPISTEMOLÓGICAS	32
3.2 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....	33
3.2.1 Perguntas de Pesquisa	33
3.2.2 Definições das Categorias de Pesquisa	33
3.3 DELIMITAÇÃO E DESIGN DA PESQUISA.....	38
3.3.1 Abordagem Qualitativa	38
3.3.2 Fonte e coleta de dados	39
3.3.3 Análise de dados.....	40
3.3.4 Limitações de Pesquisa	42
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	43
4.1. Caracterização do objeto de estudo - AUGM	43
4.1.1. Contexto histórico e motivação para a criação da AUGM	45
4.1.2. Objetivos, programas e atividades principais da AUGM	47

4.1.3. Organograma da AUGM	49
4.2. Capital social ao longo da história da AUGM	51
4.2.1. Fundação da AUGM - 1991	52
4.2.2. Evolução da AUGM - de 1991 a 2001.....	56
4.2.3. Evolução da AUGM - de 2001 a 2011	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

INTRODUÇÃO

Na atual sociedade do conhecimento, as distâncias geográficas são transpostas com a evolução das tecnologias de informação e das comunicações. As relações entre os países e organizações modificaram-se e, em decorrência, também o papel das instituições de ensino superior dentro das suas próprias nações e entre elas.

A emergência de redes, estruturas de cooperação e novos marcos de integração tanto interinstitucional quanto regional (DIDRIKSSON, 2006) trazem novos paradigmas nas formas de interação e configuração organizacional. As universidades não só enfrentam o desafio de internacionalizar-se como também de participar de redes internacionais de cooperação entre instituições de ensino superior.

Essa ideia é defendida por Sebastián (2004) que define a cooperação acadêmica internacional como um conjunto de atividades realizadas entre instituições universitárias que, através de múltiplas modalidades, implica em uma associação e colaboração em temas de política e gestão institucional.

Percebe-se assim que as universidades, como consequência de relações pessoais entre os membros das comunidades acadêmicas e científicas, ou seja, do capital social dessas organizações, desenvolvem diferentes tipos de atividades de cooperação interuniversitárias traduzidas em iniciativas multilaterais, acordos intergovernamentais bilaterais e convênios interinstitucionais até a formação de redes organizacionais.

Neste contexto de redes organizacionais, deve-se levar em consideração a necessidade de estudo do capital social envolvido, pois ao ser o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo e reconhecimento” (BOURDIEU, 1986, p.51, tradução livre), exerce influência tanto sobre as razões para sua formação quanto sobre a evolução da rede em função das formas de interação e configuração organizacional.

De acordo com Lin (2001), o capital social, em suas distintas dimensões (NAHAPIET; GOSHAL, 1998), influencia na forma de interação nas redes porque facilita

o fluxo de informação, exercendo influência nos agentes, além de apresentar credenciais sociais e reforçar a identidade e o reconhecimento dos atores da rede. Somado a isso, “diz respeito a características da organização social como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (PUTNAM, 2000, p. 177).

Embasado nestes pressupostos, o presente estudo traz à tona as teorias de Capital Social, para analisar como o capital social influencia na configuração ao longo do tempo de formação e evolução de uma organização em rede internacional de universidades.

O objeto de estudo escolhido foi a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM). Esta rede tem sua particularidade porque, fundada em 1991, é a única organização composta por universidades públicas presente na região do Cone Sul da América do Sul. Esta é, para além de uma rede de organizações, uma forma com gestão, objetivos e normas supra-organizacionais em relação às universidades participantes, caracterizando-se como organização em rede.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Com pressuposto nas considerações realizadas anteriormente e no referencial teórico empírico que segue ao longo deste trabalho, propõe-se o seguinte problema de pesquisa:

Como o capital social influenciou a configuração da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) no período de 1991 a 2011?

1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo geral da presente pesquisa consiste em **analisar como o capital social influenciou a configuração da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) no período de 1991 a 2011.**

Para alcançá-lo, foram propostos e realizados os seguintes objetivos específicos:

- 1- Mapeamento das universidades membro da Associação de Universidades Grupo Montevideu no período de 1991 a 2011;
- 2- Descrição a rede AUGM como um todo, seus laços e o papel dos atores por meio dos atributos pré-estabelecidos de densidade, centralidade e simetria dos relacionamentos na rede AUGM;
- 3- Identificação dos atributos das dimensões estrutural, relacional e cognitiva e informacional do capital social existentes na rede AUGM;
- 4- Análise de que forma o capital social influenciou a configuração da rede internacional de universidades AUGM.

1.3. JUSTIFICATIVA TEÓRICA

O presente estudo visa contribuir de forma empírica para o campo teórico dos estudos organizacionais nos temas de Capital Social e Redes Organizacionais por meio de pesquisa qualitativa com estudo de caso focado em organização em rede de instituições de ensino superior com caráter internacional.

A importância desse estudo justifica-se, assim, em primeiro lugar, pelo fato de observar o desempenho organizacional sob a perspectiva sociológica do capital social, não sendo somente uma análise econômica da organização.

Em segundo lugar, pode-se mencionar que o campo de estudo do capital social no contexto universitário, tem sua importância ao levar-se em consideração que

as instituições de ensino superior tem papel destacado, pois a elas cabem não só a formação de recursos de alto nível e a produção

de conhecimento, condições indispensáveis ao deslocamento dos estados-membros do patamar de países periféricos para o patamar de inserção ativa no mercado mundial, mas funções a serem construídas na formação da integração cidadã (MOROSINI, 1998, p.1)

Nesta mesma linha de pensamento, justificando a importância da aplicação das teorias administrativas no contexto das instituições de ensino, de acordo com a Declaração da Conferência Regional da Educação Superior na América Latina e Caribe (CRES 2008, p.8) foi lembrado que:

1. A História e os progressos realizados desde o âmbito da cooperação tornaram nossas Instituições de Educação Superior atores com vocação de integração regional. É mediante a formação de redes que as Instituições de Educação Superior da região podem unir e compartilhar o potencial científico e cultural que possuem para a análise e proposta de solução para problemas estratégicos. Tais problemas não reconhecem fronteiras e sua solução depende da realização de esforços conjuntos entre as Instituições de Educação Superior e os Estados. 2. As redes acadêmicas, em escala nacional e regional, são interlocutores estratégicos frente aos governos. Também são os protagonistas indicados para articular, de maneira muito significativa, identidades locais e regionais, e colaborando ativamente na superação das fortes assimetrias que prevalecem na região e no mundo em relação ao fenômeno global da internacionalização da Educação Superior.

Especificamente quanto ao estudo e análise de redes organizacionais, Gonçalves (2006) comenta que os modelos matemáticos ao mensurar o relacionamento com o posicionamento incorrem em determinismo estrutural, negligenciando o papel do comprometimento normativo e das crenças e valores dos atores. Neste sentido, o autor considera como estudos mais adequados os que preservam sua historicidade, o que pode ser constatado por meio da observação do capital social nos fluxos de interação organizacionais.

Para complementar, Nunes e Pereira (2010, p.1) ressaltam como resultado de pesquisa nas publicações sobre redes que “observou-se ainda a necessidade de estudos longitudinais que enfoquem a organização participante e a rede como instituição”.

Dessa forma, o presente trabalho estuda de forma empírica a teoria de capital social no caso da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) ao longo do período de 1991 a 2011, com cortes transversais para análise de como este influenciou na configuração organizacional.

1.4. JUSTIFICATIVA PRÁTICA

Além de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico aplicado de forma empírica no estudo do capital social em organizações em rede de universidades de caráter internacional, o presente estudo pretende auxiliar no trabalho dos departamentos encarregados pela internacionalização em instituições de ensino, por meio do exemplo estratégico e de crescimento do objeto de estudo de caso, bem como a relação das universidades com o desenvolvimento regional da sociedade.

Esta justificativa baseia-se no objeto escolhido para a realização desta pesquisa, a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM). Sua particularidade está no fato de ser a única organização rede com universidades públicas de países do Cone Sul da América Latina, fundamentada em princípios comuns às instituições que a integram em seis países: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai.

De acordo com Velho (2001, p.65), a AUGM é única na região do Mercosul porque

A grande maioria das cooperações realiza-se prioritariamente com instituições congêneres dos países europeus e norte-americanos, assim como a maior parte dos programas de cooperação existentes, tanto em nível federal como estadual, também são muito mais abundantes com os países avançados.

No decorrer de seus vinte anos, pode-se mencionar a expansão da AUGM de oito para vinte e oito universidades membros e do seu envolvimento com a sociedade: em 2010, os Reitores da AUGM definiram a criação da “Rede AUGM de Cidades e Universidades”. Essa ligação entre cidades e universidades busca criar um espaço de encontro e diálogo entre os governos municipais e suas universidades, com o objetivo

de trabalhar articuladamente para a resolução de problemas que afetam as diferentes comunidades e de compartilhar experiências que potencializem o desenvolvimento das mesmas.

Por último, pode-se afirmar que o presente estudo é aplicável tanto no ambiente prático de internacionalização universitária, quanto em outros segmentos de organizações em redes internacionais, que não de universidades ou de fins educacionais, como setores ligados à inovação e desenvolvimento sustentável.

1.5. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O presente estudo está estruturado de forma a apresentar no primeiro capítulo a introdução, onde são abordadas questões relacionadas à contextualização do tema de trabalho e o problema de pesquisa, seguidos pelo objetivo geral e objetivos específicos, bem como pela justificativa prática e teórica da realização do presente estudo.

No segundo capítulo, é abordado o referencial teórico-empírico que embasa o problema de pesquisa e está dividido em três partes principais: Capital Social, Organização em rede, e Rede Internacional de Universidades.

Na primeira seção do referencial teórico, encontram-se questões relativas à teoria de Capital Social, como a sua concepção sob a perspectiva de distintos autores, suas dimensões e níveis, bem como sua relação com as redes. A segunda parte abrange o conceito de organização em rede, além dos motivos de formação e o estudo de sua configuração por meio da técnica de análise de redes sociais (ARS). O terceiro subcapítulo do referencial teórico, intitulado Rede Internacional de Universidades contextualiza o objeto de estudo de pesquisa deste trabalho que é a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM).

O terceiro capítulo aborda os procedimentos metodológicos que norteiam esse estudo, sendo apresentadas as concepções epistemológicas, as especificação do problema, as perguntas de pesquisa, a definição das categorias de análise, a

delimitação e o design da pesquisa, a abordagem qualitativa, o objeto de estudo, a fonte e coleta de dados, como a análise dos dados e as limitações da pesquisa.

No capítulo quatro apresenta-se a análise de dados desta pesquisa, primeiramente apresentando as características do objeto de estudo que é a AUGM e, então, é mapeada a rede organizacional com utilização do software UCINET. Após, por meio da análise dos dados primários e secundários, é possível identificar a contribuição do capital social em suas distintas dimensões ao longo do tempo para a evolução da organização em rede AUGM.

Por fim, no quinto capítulo são expostas as considerações finais e sugestões para estudos futuros, seguido pelas referências bibliográficas utilizadas para a elaboração deste trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO - EMPÍRICO

O processo de formação e estruturação da rede organizacional e da organização em rede pode partir do nível micro – individual, interpessoal para o nível macro – grupal, organizacional. Neste ponto, eis que se deve levar em consideração o capital social de cada indivíduo que constituirá a rede (COLEMAN, 1988), o que será abordado na sequência deste capítulo por meio das teorias de (2.1) Capital Social e (2.2) Organização em rede analisadas no contexto de (2.3) rede internacional de universidades.

2.1. CAPITAL SOCIAL

A primeira utilização conhecida do conceito de capital social foi feita por Lyda Hanifan, em 1916, para explicar a importância do envolvimento da comunidade para o sucesso escolar, caracterizando capital social como elementos intangíveis da vida cotidiana: boa vontade, amizade, solidariedade, interação social entre os indivíduos e as famílias que compõem uma unidade social.

A partir da década de 1980, os cientistas sociais Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam retomam o termo e dão um novo sentido, difundindo o uso de capital social para diversos âmbitos de pesquisa e práticas sociais. A definição de capital social por esses autores será vista ao longo deste capítulo, bem como os elementos-chave que compõem as dimensões do capital social: confiança, coesão social, redes, normas e instituições.

2.1.1. Capital Social para Pierre Bourdieu

O sociólogo Bourdieu (1986) caracteriza três tipos de capital: econômico, cultural e social. O autor expressa que tanto o capital cultural quanto o capital social podem ser convertidos, sob determinadas condições, em capital econômico. Este último

mencionado é imediata e diretamente convertido em recurso financeiro e pode ser institucionalizado na forma de bens e direitos; enquanto que o capital cultural é institucionalizado na forma de qualificações educacionais e o capital social, feito de obrigações sociais que formam conexões, pode ser institucionalizado na forma de “títulos de nobreza” (BOURDIEU, 1986, p.47, tradução livre).

Em outras palavras, o autor define especificamente capital social como “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo e reconhecimento” (BOURDIEU, 1986, p.51, tradução livre).

Nesta definição é possível distinguir os elementos constitutivos do capital social: as relações sociais que permitem ao indivíduo obter recursos da rede e a qualidade e quantidade desses recursos.

Em relação à qualidade dos recursos, Bourdieu (1998) explicita que as relações estabelecidas entre os indivíduos pertencentes a um determinado grupo não são consequência apenas do compartilhamento de relações objetivas ou de proximidade no mesmo espaço físico (geográfico), econômico e social; essas relações fundamentam-se também nas trocas materiais e simbólicas. Desta forma, essas redes sociais dão ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo.

Em relação à quantidade de recursos, de acordo com Bourdieu (1998, p.67):

o volume de capital social que um agente individual possui depende da extensão da rede de conexões que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (cultural, econômico e simbólico) que é posse exclusiva de um daqueles a quem está ligado.

A aquisição de capital social requer adequação às normas morais de uma dada comunidade e seus padrões de conduta, o que consiste no *habitus*, segundo Bourdieu (1986). Detecta-se neste ponto a necessidade de virtudes como a lealdade, a honestidade e a interligação ao grupo para a reprodução do capital social. Bourdieu (1998) explica em outras palavras que este tipo de capital é multiplicado pela sociabilidade em si, ou seja, pelos “favores” e trocas realizados entre as pessoas e organizações ao longo do tempo. O autor menciona também a questão de desigualdade na aquisição e distribuição de capital social em função dessas trocas.

Os limites à aquisição de capital social levam em consideração o seu caráter não individual, visto que a sua apreensão ou acumulação exige sociabilidade, o que o torna mais difícil de ser adquirido em relação às outras formas de capital humano. Neste ponto, deve-se contrapor que, sendo baseado em hábitos éticos, revela-se mais resistente a mudanças ou à destruição ao longo do tempo na sociedade. Vinculando o capital social como um bem público, será abordado na sequência deste estudo a definição do termo pelos sociólogos James Coleman e Robert Putnam.

2.1.2. Capital Social para James Coleman e Robert Putnam

No enfoque de capital social como um bem público e das pessoas, Coleman (1988, p.98) afirma que o mesmo é

definido pela suas funções, não se apresentando como uma entidade única, mas como diversas entidades distintas, com dois elementos em comum: todos consistem de alguns aspectos das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores dentro destas estruturas (tradução livre).

Dessa forma, o autor afirma que “o capital social é produtivo, possibilitando a obtenção de determinados objetivos que na sua ausência não seria possível” (COLEMAN, 1988, p. 98, tradução livre).

O autor ressalta que o capital social é altamente intangível, uma vez que somente existe no espaço relacional por meio e entre pessoas. Neste contexto, este tipo de capital não é um atributo dos indivíduos, mas um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, ou seja, inerente à estrutura das relações entre dois ou vários atores. Isso quer dizer que o capital social não está alojado nem nos próprios atores nem nos instrumentos físicos de produção, o que faz com que sua aquisição só ocorra “por meio de mudanças nas relações entre as pessoas, o que facilita a ação” (COLEMAN, 1988, p.100, tradução livre).

Coleman (1988) apresenta três formas de capital social que influenciam na qualidade das relações formadas nos grupos sociais, são elas: as obrigações, as expectativas e a confiabilidade das estruturas; os canais de informação; e as normas e

sanções efetivas. A primeira lida com o nível de confiança e a real extensão das obrigações existentes em um ambiente social, o que faz com que o capital social é elevado onde as pessoas confiam umas nas outras e onde essa confiança é exercida pela aceitação mútua de obrigações. A segunda forma diz respeito aos canais de trocas de informações, o que faz com que seja compartilhado conhecimentos e ideias. A terceira, diz respeito às normas e sanções que encorajam os indivíduos a trabalharem pelo bem comum, abandonando interesses próprios e imediatos.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Putnam (2000) define que o capital social “diz respeito à características da organização social como confiança, normas e sistemas que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (PUTNAM, 2000, p. 177).

Para Putnam (2000), o capital social para explica os problemas da ação coletiva. Neste ponto ele menciona a teoria dos jogos, onde embasado em um cálculo racional em termos de custo e benefício, os participantes tomam suas decisões, cujos resultados normalmente são sub-ótimos. Isto ocorre em razão de que os participantes desconfiam uns dos outros, materializando este sentimento em suas decisões. No entanto, sob análise mais ampla que a teoria dos jogos, o capital social abarca vários processos sociais que possuem a lógica da confiança, onde o ator decide crendo, confiando no outro. Nestes casos a decisão do indivíduo não visa, necessariamente, um benefício individual imediato, e sim o benefício da comunidade.

Percebe-se neste último ponto a função política do capital social, que consiste em fazer contrapeso ao vício do excessivo individualismo, isto é, ao fato de dedicar ocupação excessiva com os assuntos privados e da família em detrimento do compromisso em assuntos públicos (HIGGINGS, 2005). Na sequência será abordado as dimensões do capital social, que o caracterizam dentro das redes e da sociedade.

2.1.3. As dimensões e os níveis do capital social

Nahapiet e Goshal (1998), seguindo a mesma linha de raciocínio de Bourdieu (1986), defendem que a teoria de capital social tem como proposição central que as

redes de relacionamentos constituem um recurso valioso para a conduta de assuntos sociais.

Neste sentido, os autores definem capital social como “a soma dos recursos atuais e potenciais derivados de redes de relacionamento tidas por um indivíduo ou unidade social” (NAHAPIET; GOSHAL, 1998, p.243, tradução livre). Desta forma, eles consideram o capital social como sendo a rede e também todos os recursos mobilizados por meio dela.

Esses autores destacam que o capital social possui diversos atributos e que essas características podem ser subdivididas em três dimensões distintas que, embora sejam abordadas analiticamente de forma separada, possuem grande conexão:

- a) Dimensão estrutural: refere-se ao padrão de conexão entre os atores, incluindo as conexões e configurações da rede que descrevem o padrão de ligações em termos de mensuração como densidade, conectividade, hierarquia e adequação organizacional;
- b) Dimensão relacional: refere-se aos ativos que são criados e alavancados por meio do relacionamento e incluem atributos como identificação, confiança, normas, sanções, obrigações e expectativas;
- c) Dimensão cognitiva: refere-se aos recursos que representam visões compartilhadas, interpretações e sistemas de significados, como: linguagem, códigos e narrativas.

Ao expor a relação entre as dimensões acima citadas, Nahapiet e Ghoshal (1998) afirmam que nem todas as dimensões do capital social são mutuamente reforçadas, porém a dimensão estrutural do capital social influencia o desenvolvimento da dimensão relacional e cognitiva.

Koka & Prescott (2002) identificam a dimensão informacional do capital social, com três categorias analíticas:

- a) Volume de informações: reflete a quantidade de vínculos de cada membro pertencente à rede. Maior número de vínculos proporciona acesso rápido a uma maior quantidade de informações e mais facilidade na veracidade dessas

informações. Consequentemente, a organização se beneficia com a redução do tempo necessário para a coleta e validação das informações;

b) Diversidade de informações: refere-se à quantidade e às características das informações trocadas entre os parceiros. Quanto maior e mais diversificada for a troca de informações, maiores serão as oportunidades de aprendizagem e a geração de novos conhecimentos e de construção de compromissos mútuos;

c) Riqueza de informações: reflete a experiência de uma empresa em gerir as relações com parceiros e pode, portanto, contribuir à solução de problemas comuns.

Além desta abordagem de dimensões, é necessário compreender os níveis em que ocorre o capital social, ou seja, a partir do nível interpessoal para o nível organizacional e em redes.

De acordo com Portes (1998), Bourdieu (1986) trabalha o conceito de capital social de forma instrumental, pois considera que as pessoas constroem suas relações levando em conta os benefícios que obteriam posteriormente. Contrariamente ao nível individual de Bourdieu (1986), Coleman (1988) e Putnam (2000) defendem o capital social como bem público da sociedade. Outros atores como Lin (2001), Granoveter (1992) e Burt (1992) seguiram algumas definições de Bourdieu (1986) e aplicaram o capital social no nível de rede.

Neste sentido, o capital social foi considerado por Coleman (1988) como uma forma de transpor a estrutura social dentro do paradigma individualista da ação racional (Bourdieu, 1986), passando do nível micro para macro organizacional.

Pode-se citar o modelo de Beckert (2010) onde ele apresenta a correlação do capital social entre os níveis individual/interpessoal, organizacional e em rede. No nível individual/interpessoal, os quadros cognitivos mostram que a agência dos atores sociais não é nem totalmente determinada pelas estruturas sociais circundantes (redes e instituições), nem totalmente autônoma ou desvinculada das mesmas; as instituições servem como suporte para determinadas ações dos atores, enquanto desencorajam

outras; e as redes posicionam organizações e indivíduos no espaço estrutural. Desta forma, um nível interfere e influencia o outro.

Sob outra perspectiva de nível, Adler e Kwon (2002) apresentam a visão externa e a visão interna de capital social. A visão externa de capital social ou *bridging view* (WOOLCOCK; NARAYAN, 2000) define o capital social como um recurso da rede social que gera benefícios a um ator focal ao conectá-lo a outros atores, ou seja, seria um recurso localizado nas ligações externas de um ator central. A visão interna ou *bonding view* (WOOLCOCK; NARAYAN, 2000), ao contrário, localiza este recurso nas conexões sociais internas de atores coletivos e, especialmente, nas características que “dão à coletividade coesão e que facilitam a busca de objetivos comuns” (ADLER ; KWON, 2002, p. 21). Por último, a visão interna-externa de capital social é neutra quanto a essas duas dimensões e envolve outras estruturas sociais, como instituições e organizações. Para Adler e Kwon (2002), esta perspectiva traz duas vantagens principais: esclarece que a diferença entre as visões externa e interna é uma questão de perspectiva e unidade de análise, mostrando que ambos os tipos não são mutuamente exclusivos, mas podem, ao contrário, existir mutuamente.

Estas dimensões e níveis apresentados podem ser observados no relacionamento dos atores em grupos, ou seja, nas redes. Neste sentido, no próximo subcapítulo será abordado como o capital social permeia as redes.

2.1.4. Capital social em redes

Relacionando capital social em redes, Granovetter (1973) não utiliza o termo “capital social”, mas menciona a força dos laços fracos, onde são as relações de não parentesco que importam para a expansão de uma rede. Isto ocorre porque “se dois indivíduos tem relações fortes, é provável que haja uma superposição em suas relações, e a rede, como um todo, é relativamente limitada” (MARTELETO; SILVA, 2004, p.43).

Para este autor, a força dos laços depende da combinação de quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua), e dos serviços de

reciprocidade que caracterizam um laço. Desta forma, ao analisar os laços, percebe-se a dimensão estrutural e relacional do capital social.

Por sua vez, Lin (2001) define capital social como “os recursos incorporados em uma estrutura social que são acessados e mobilizados em ações intencionais” (LIN, 2001, p.12) e afirma que este tipo de capital é composto por três elementos: posição estrutural, que engloba os recursos embutidos na estrutura social; localização na rede que determina acessibilidade aos recursos sociais por indivíduos; efeitos da ação de mobilização e utilização desses recursos. Lin (2001, p. 25) levanta uma questão importante: “por que o capital social funciona?”. Segundo a autora porque facilita fluxo de informação, exerce influência nos agentes, apresenta credenciais sociais e reforça a identidade e reconhecimento.

Para entender como as relações sociais incidem no comportamento econômico e nas instituições que o regulam, Granovetter (1992) elabora o conceito de “*embeddedness*” (imbricação). Em outras palavras significa dizer que os atores, sejam eles pessoas ou organizações, perseguem objetivos econômicos e sociais; para tanto, eles não atuam de forma isolada ou autônoma pois as suas ações econômicas estão imbricadas (*embeddedness*) em uma rede de relações sociais.

Nesta mesma linha de pensamento, Burt (1992) defende que o capital social poderá ser formado a partir de redes, por meio das quais os atores podem intermediar conexões entre diferentes segmentos desconectados, enfatizando os laços fracos entre eles como fonte de capital social. Neste ponto, o autor define sua teoria dos buracos estruturais, ou seja, em redes abertas os membros tem mais independência para explorar informações menos redundantes. Esses buracos estruturais não significam que um grupo não percebe a existência do outro, mas que um grupo está focado em atividades diferentes das atividades do outro grupo.

Burt (1992) ressalta a importância da confiança e da reciprocidade para a eficiência das redes. A confiança presente nas relações entre os atores contribui para a manutenção dos vínculos sociais e o controle de comportamentos oportunistas e indesejados coletivamente. Nesse sentido, a confiança passa a ser preditora da conduta dos atores, requerendo, para tanto, a existência de normas de reciprocidade e

de respeito mútuo. Assim, na visão do autor, a reciprocidade seria a norma mais relevante em termos de capital social.

De acordo com Coleman (1988) e Burt (1992), as normas de reciprocidade podem se manifestar de duas formas: reciprocidade balanceada ou específica, consistindo na permuta simultânea de elementos de igual valor; e reciprocidade generalizada ou difusa, que consiste numa contínua relação de troca que a qualquer momento apresenta desequilíbrio ou falta de correspondência, mas que supõe expectativas mútuas de que um favor concedido hoje venha a ser retribuído no futuro.

No quadro 1, de forma esquemática e resumida, podem ser observados os elementos constitutivos do capital social, bem como a forma de aquisição e distribuição do mesmo segundo os autores mencionados ao longo deste trabalho.

	Autor	Elementos constitutivos	Aquisição e compartilhamento
Capital Social	Bourdieu (1986)	- Relações sociais para obter recursos - Qualidade e quantidade de recursos	- Habituação à normas; lealdade, honestidade e interligação ao grupo; - Sociabilidade; “favores” - Distribuição desigual
	Coleman (1988)	- Aspectos das estruturas sociais - Ações dos atores dentro das estruturas sociais	- Por meio de mudanças nas relações entre os atores que facilitam as ações dentro das estruturas sociais
	Putnam (1990)	- Confiança, normas e sistemas	- Teoria dos jogos - Reciprocidade
	Granoveter (1992)	- Quantidade de tempo - Intensidade emocional - Intimidade (confiança mútua); - Reciprocidade	- <i>Embeddedness</i> (imbricação) - Laços fortes e fracos
	Burt (1992)	- Laços fracos e fortes - Confiança e reciprocidade	- Habilidade dos atores em construir elos ou “pontes” entre atores desconectados (buracos estruturais)
	Nahapiet e Goshal (1998)	- Recursos atuais e potenciais derivados de redes de relacionamento	- Três dimensões: estrutural, relacional e cognitiva
	Lin (2001)	- Posição estrutural - Acessibilidade aos recursos - Efeitos da ação	- Recursos acessados e mobilizados por meio dos laços na rede - Informação; Influência; Credencial social; Reforço

Quadro 1: Elementos constitutivos, aquisição e compartilhamento de capital social. Fonte: Elaboração própria.

Por último, quanto aos benefícios do capital social, Brunie (2009) afirma que no enfoque relacional este é limitado devido aos valores dos recursos e às características das redes de contato. Enquanto que no enfoque coletivo, os benefícios do capital social são limitados por atividades que requerem similaridades das expectativas e interesses entre os atores.

No próximo capítulo, será abordado de forma mais detalhada o nível de rede com enfoque organizacional. Após compreender a definição de rede organizacional e organização em rede, bem como a motivação dos membros para participação, como se dá a configuração e a análise de redes sociais, será possível adentrar no contexto do estudo específico deste trabalho que é a rede internacional de universidades.

2.2. ORGANIZAÇÃO EM REDE

De acordo com Poldony e Page (1998), rede é um agrupamento de agentes que estabelecem relações de troca a longo prazo. Corroborando com esta ideia, Marteleto e Silva (2004) acrescentam que, nas Ciências Sociais, as redes são sistemas compostos por “nós” e conexões entre eles que são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações, entre outros) conectados por algum tipo de relação.

Seguindo nesta linha de pensamento, Cropper *et al* (1998) definem as relações interorganizacionais como focadas nas propriedades e padrões de relacionamento entre organizações que possuem um interesse em comum enquanto permanecem independentes e autônomas com seus interesses próprios.

A partir das relações interorganizacionais, pode-se caracterizar a formação de redes organizacionais. Estas, de acordo com Aldrich (1979, p.281 *apud* Hall, 2004 p. 208) são “todas as organizações unidas por um tipo específico de relação e são formadas identificando os elos entre todas as organizações em uma população”. Dessa forma, são mais abrangentes que o conjunto de ação que seria um grupo de organizações formado por meio de uma aliança temporária para uma finalidade limitada.

Esse mesmo conceito pode ser observado segundo Van de Ven e Ferry (1980, p.299 *apud* Hall, 2004 p. 208, tradução livre), para quem as redes constituem “o padrão total de inter-relacionamentos entre um grupo de organizações que se coordenam entre si em um sistema social para atingir metas coletivas e de interesse próprio ou resolver problemas específicos em uma população-alvo”.

Semelhantemente ao conceito de redes de organizações, pode-se identificar a existência de organizações em rede. Estas pressupõe desde sua formação a participação de várias organizações com uma forma única de gestão, com objetivos e normas supra-organizacionais.

De acordo com Child e Faulkner (1998), há diferentes perspectivas teóricas pelas quais é possível analisar a razão que leva as organizações a formarem ou participarem de uma rede, como a teoria do poder de mercado que defende a acessibilidade para entrada em novos mercados, a teoria dos custos de transação que prevê a redução de custos e a teoria do aumento de retornos que, como o próprio nome diz, prevê um crescimento das receitas da empresa membro da rede.

Percebe-se assim, nas teorias acima citadas, um predomínio da visão econômica. Sob essa mesma visão, Ebers (1997) apresenta dois motivos principais para a formação ou participação em uma rede organizacional ou organização em rede: aumento de receitas e diminuição de custos.

Ao mencionar a questão da troca de informação, além do viés econômico, outras teorias também podem ser abordadas no estudo de redes organizacionais, como: Teoria Institucional, onde há pressões ambientais para legitimação e isomorfismo mimético; Aprendizagem Organizacional, onde há a necessidade do desenvolvimento de competências; Teoria da Agência e Teoria do *Stakeholder*, onde leva-se em consideração a agência dos atores envolvidos na rede; e Teoria da Escolha Estratégica (BERRINGER; HARRISON, 2000).

Acrescentando razões para a formação de redes, Child e Faulkner (1998) apresentam como motivos básicos: a redução de riscos, alcance de economia de escala ou racionalização, trocas tecnológicas, cooperação ou bloqueio de competição, ultrapassar barreiras de investimento ou governamentais, facilidade na expansão

internacional de firmas inexperientes, vantagens de integração vertical em função da contribuição de parceiros na cadeia de valor.

Como forças externas que levam a formação de redes, Child e Faulkner (1998) mencionam: turbulência no mercado global e incerteza econômica; existência de economia de escala e/ou escopo; globalização ou regionalização de um crescente número de indústrias; globalização da tecnologia; mudança rápida de tecnologia junto com um aumento dos requerimentos de investimento; diminuição dos ciclos de vida dos produtos.

Como necessidades internas, Child e Faulkner (1998) destacam a dependência de recursos, a aprendizagem, a limitação de riscos, a rapidez de acesso ao mercado, a minimização de custos e o baixo desempenho como motivadores da formação ou participação em redes organizacionais.

Sob outra perspectiva, Oliver (1990), mencionada também por Ebers (1997), aborda seis contingências determinantes da formação de relacionamentos organizacionais, sendo elas: necessidade, assimetria, reciprocidade, eficiência, estabilidade e legitimidade. A necessidade é percebida quando as organizações estabelecem ligações e trocas para encontrar requisitos legais ou reguladores. A assimetria é determinante quando as organizações são motivadas para controlar outras organizações e para preservar sua autonomia em relação a estas. A estabilidade ocorre quando as organizações tentam reduzir a incerteza ambiental a partir de relações com outras organizações. A eficiência é alcançada quando as organizações procuram economizar nos custos de suas transações internas e, para isto, estabelecem redes com outras organizações. A legitimidade é conquistada quando as organizações tentam justificar suas atividades e saídas ao ambiente institucional, e também serem vistas como seguidoras da lei e socialmente responsáveis. Por último, a reciprocidade é resultado de quando as organizações perseguem conjuntamente um alvo comum ou objetivos mutuamente benéficos.

Child e Faulkner (1998) apresentam a estratégia cooperativa como uma forma das organizações atingirem seus objetivos através da cooperação de outras organizações ao invés de competirem com as mesmas. Segundo os autores, esta

estratégia cooperativa pode oferecer vantagens significativas para as empresas que não possuem determinadas competências ou recursos através da conexão com outras organizações que possuem habilidades ou ativos complementares. Além disso, permite um acesso mais fácil para entrada em novos mercados, além de oportunidades de sinergia e aprendizagem mútuos.

De forma a resumir o acima exposto relativo a motivações, Barringer e Harrison (2000) abordam as vantagens das relações interorganizacionais, sendo elas: economia de escala e aumento de produtividade; divisão de riscos e custos; acesso a mercados externos; desenvolvimentos de novas tecnologias e novos produtos/processos; aprendizagem; queda de obstáculos na entrada de novos mercados; *lobbying* coletivo com maior pressão ao governo; neutralização ou bloqueio de competidores e acesso a recursos particulares, como capital, conhecimento e habilidades.

Quanto à estruturação nas redes, DiMaggio e Powell (1991) apontam que o processo de possui quatro etapas: aumento de interação entre as organizações; emergência de características definidas de coalizões e estrutura de dominação; aumento na carga de informação com a qual organizações tem de lidar; e formação da consciência nas organizações de que elas estão comprometidas com empreendimentos comuns, podendo adotar posturas estruturalmente isomórficas.

Essa última questão da estruturação de redes será aprofundada no próximo subcapítulo com o estudo de configuração e análise de redes.

2.2.1. Configuração de redes e análise de redes sociais

A utilização de técnicas de Análise de Redes Sociais (ARS) em organizações significa a busca por explicações contextuais e sistêmicas que substituem as individualistas e atômicas (BORGATTI; FOSTER, 2003). Dessa forma, é possível estudar a configuração da rede organizacional bem como compreender as ligações entre entidades sociais e as implicações destas ligações (WASSERMAN; FAUST, 1994).

Na última década, a análise de redes sociais tem sido utilizada para analisar organizações dado que a rede social em organizações define um grupo de pessoas, equipes ou empresas, interligadas por relações sociais, trocando conhecimento e informações necessárias à realização de seu trabalho. Analisar estas redes significa criar modelos e métodos que permitem visualizar e medir os padrões de comportamentos destas comunidades (BORGATTI; FOSTER, 2003).

De acordo com Wasserman e Faust (1994), a ARS é baseada em algumas premissas, sendo elas:

- os atores e suas ações são vistas como interdependentes e cada ator é uma unidade autônoma;
- as relações entre atores são canais que transferem ou fluem recursos, podendo ser materiais ou imateriais;
- os modelos de redes focam visões individuais do meio estrutural de rede, proporcionando oportunidades para as restrições sobre ações individuais;
- modelos de redes conceituam estruturas sociais, econômicas ou outras em comum como os últimos padrões de relações entre os atores.

Os autores apresentam quatro elementos fundamentais na análise de redes: os nós, as posições, as ligações e os fluxos. Os nós podem ser definidos como os pontos ou atores que compõem a rede. As posições definem as localizações dos pontos no interior de uma estrutura. As ligações ou conexões determinam o grau de densidade ou de difusão relativo aos atores da rede. Por fim, os fluxos, tangíveis ou intangíveis, indicam a troca de recursos, informações, bens, serviços e contatos.

Para Wasserman e Faust (1994), algumas medidas estruturais são básicas na análise de redes: tamanho, densidade, distância geodésica e coesão. O tamanho diz respeito ao número de atores que compõem a rede; a densidade indica a quantidade de relações entre os atores; a distância geodésica se refere à quantidade média de ligações necessárias para o estabelecimento de uma relação com qualquer ator da rede; e a coesão informa sobre a existência de subgrupos na rede.

Essas medidas possibilitam análises mais aprofundadas sobre outros aspectos de uma rede, como a centralidade dos atores. A centralidade pode ser considerada a

posição de um ator na rede em relação aos demais, considerando-se como medida a quantidade de elos que se colocam entre os atores da rede (WASSERMAN; FAUST, 1994).

Desta forma, a medida de centralidade permite conhecer a posição dos nós no interior da rede, bem como entender a estrutura da própria rede. De acordo com Wasserman e Faust (1994), a posição do ator na rede pode ser analisada segundo três critérios:

a) grau de centralidade (*degree centrality*): mede o número de laços de um ator, ou seja, com quantos outros atores pertencentes à rede ele está conectado;

b) grau de intermediação (*betweenness*): mede a frequência em que um ator serve de conexão entre outros dois atores não-adjacentes da mesma rede;

c) grau de proximidade (*closeness*): esta medida indica o quanto um ator está próximo de outros atores integrantes da rede.

Ao contrário da densidade, as especificidades de qualquer rede também podem ser avaliadas em termos de buracos estruturais existentes, ou seja, dos espaços vazios na estrutura da rede que indicam a ausência de relações entre determinados atores ou grupos. Para Wasserman & Faust (1994), essas medidas permitem verificar até que ponto uma rede pode alcançar todo o seu potencial. Quanto maior o número de laços em uma determinada rede, maior será o seu potencial.

De forma resumida e esquemática, essas medidas estruturais podem ser observadas em três níveis de análise das características de uma rede social: rede como um todo, papel de cada ator e de egocêntrica (WASSERMAN; FAUST, 1994; SCOTT, 2000; MONGE; CONTRACTOR, 2001; HANNEMAN, 2005;):

1. Rede com um todo:

Nesta análise, são avaliadas métricas que dizem respeito à estrutura da rede e ao grau de interação e coesão entre seus componentes. As principais métricas utilizadas nesta visão são:

- Tamanho– Mede o total de atores e ligações. Quanto maior for uma rede, mais difícil ficará conhecer os outros e trocar informações;
- Densidade– Mede a relação entre o total de ligações existentes e o total de ligações possíveis. Valores baixos podem indicar oportunidades de maior colaboração;
- Simetria: Relação do número laços simétrico para assimétricos;
- Centralização: Diferença entre os escores de centralidade do ator mais central e de todos os outros atores em uma rede.

2. Laços da rede:

A caracterização do tipo de laço de relacionamento que há entre os atores dentro da rede está embasa na análise de: frequência de quantas vezes laço ocorre; estabilidade do laço ao longo do tempo; força, ou seja, quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade e serviços recíprocos; direção de qual laço é de um ator para outro; e simetria se a relação é bi-direcional (MONGE; CONTRACTOR, 2001).

3. Rede egocêntrica ou Papel de cada ator:

Analisa a rede de um ator específico - rede egocêntrica. Nesta visão avalia-se o ator, as ligações com seus vizinhos e entre eles, buscando entender a influência do grupo sobre o indivíduo, de que forma o grupo lhe impõe limites ou promove oportunidades.

Ao identificar a influência que cada membro exerce na manutenção e na expansão da rede, pode-se classificá-lo em:

- Estrela (Star): ator é central na rede;
- Ligação (Liaison): ator tem ligações com dois ou mais grupos que não estariam ligados, mas não é um membro de nenhum grupo;
- Ponte (Bridge): ator é membro de dois ou mais grupos;

- Porteiro (Gatekeeper): ator que controla o fluxo (é a única ligação) entre uma parte da rede e outra;
- Isolado: ator que não tem ou somente poucas ligações.

Para finalizar, a ARS pode ser mais útil para grandes organizações geograficamente dispersas onde a comunicação virtual é mais comum que a presencial. Neste trabalho, a configuração da rede será analisada juntamente com o capital social na Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), que é uma rede internacional englobando universidades de seis países da América do Sul. Este contexto de rede internacional de universidades é abordado no próximo capítulo deste referencial teórico.

2.3. REDE INTERNACIONAL DE UNIVERSIDADES

A globalização, segundo Ianni (2004), pode ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, ligando localidades distantes de tal maneira que os acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a milhares de quilômetros de distância e vice-versa.

Dessa forma, as relações entre os países e organizações modificaram-se e, em decorrência, também o papel das instituições de ensino superior dentro das suas próprias nações e entre elas.

De acordo com Didriksson (2006, p.30), “o impacto do novo padrão social, tecnológico e produtivo global tem propiciado a emergência de redes, estruturas de cooperação e novos marcos de integração a nível regional e interinstitucional”.

Assim, no contexto da sociedade em redes (CASTELLS, 1999) além da necessidade de internacionalizar-se, surge o desafio de pertencer a redes organizacionais internacionalizadas.

No contexto do ambiente de educação superior, Altbach e Knight (2007) destacam que os esforços para controlar as iniciativas internacionais e garantir a qualidade são essenciais.

Essa nova situação pode ser ilustrada através da necessidade que os estudantes têm de obter uma ótima experiência acadêmica internacional, as exigências do mercado de trabalho por um determinado perfil profissional, a questão das avaliações da qualidade do ensino, os quesitos para garantir financiamento de projetos, bem como credenciamento dos programas e cursos.

Este argumento é justificado pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2006) ao declarar que:

Educação superior tem se tornado mais internacional na última década passada visto que mais e mais estudantes optam por estudar no exterior, inscrever-se em programas educacionais estrangeiros e instituições no seu país de origem, ou simplesmente utilizar a internet para fazer cursos em instituições em outros países. Este crescimento é o resultado de várias diferentes forças, mas não mutuamente exclusivas: o desejo de promover entendimento mútuo; a migração de trabalhadores qualificados numa economia globalizada; o desejo das instituições de obter outras fontes de financiamento; ou a necessidade de construir uma força de trabalho mais qualificada nos países de origem, geralmente nas economias emergentes. (tradução livre).

Com base neste pressuposto, as atividades de cooperação internacional acabam por garantir à instituição de ensino superior uma boa imagem institucional e legitimidade perante a sociedade, o governo e o mercado.

O processo de internacionalização das universidades pressupõe cooperação em todas as suas formas: cooperação científica, tecnológica, acadêmica; e em seus diferentes níveis, tanto a cooperação horizontal e vertical, quanto bilateral, multilateral, entre outros, principalmente voltadas para o âmbito da cooperação institucional (STALLIVIERI, 2004).

Percebe-se assim que existe uma valorização da cooperação internacional através de instrumentos flexíveis de cooperação, como as redes e as alianças estratégicas entre universidades, que amplificam os benefícios da cooperação ao incrementar as possibilidades de interação e as modalidades de colaboração (SEBASTIÁN, 2004).

Chermann (1999, p.18) corrobora ao afirmar que no meio universitário

Configura-se a tendência de se formarem redes que integrem as associações de universidades, seja regionalmente, em blocos ou no mundo, promovendo a figura de consórcios acadêmicos com a finalidade de racionalizar o uso de instalações, laboratórios, infra-estrutura e demais recursos existentes, o que é uma necessidade que se verifica no âmbito global.

Entre as atividades estratégicas e operacionais que podem ser realizadas através da participação em redes universitárias internacionais pode-se citar também: intercâmbio estudantil e docente; projetos de pesquisas desenvolvidos em conjunto; estabelecimento de campi em outros países ou oferecimento de contratos de educação à distância; oportunidades de estágios profissionais estudantis ou docentes em outros países; entre outras relações que a universidade pode estabelecer no meio internacional.

Para contribuir com essa visão de aplicação prática da internacionalização e rede de cooperação universitária, Stallivieri (2004, p.49) expressa:

Se entendemos que o papel da cooperação é auxiliar a universidade no desempenho e na realização de sua missão social, qual seja, gerar ciência em todas as áreas do conhecimento e da tecnologia, através da elaboração de projetos de pesquisa, da formação de recursos humanos necessários ao desenvolvimento das comunidades, da prestação de serviços à sociedade, através de atividades de extensão, então se pode afirmar que a política de cooperação deve contribuir para um processo constante de atualização científica da universidade, através de trocas permanentes com os centros mais desenvolvidos de conhecimento.

No caso das universidades brasileiras tem-se dado cada vez mais importância ao processo de internacionalização. No final dos anos 80 e início dos 90, surgem setores como as Assessorias Internacionais para auxiliar e se conectar às constantes da globalização. Assim, muitas universidades passam a ter estrutura para cooperação direta, que até então era privilégio de órgãos oficiais como o governo.

A participação em redes de universidades de âmbito internacional também começou na mesma época, como é o exemplo da Associação de Universidades Amazônicas (UNAMAZ) fundada em 1987 e do objeto de estudo deste trabalho - a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), que começou em 1991 com 8 universidades de 4 países: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Antes de finalizar a década de 1990 são consolidadas outras iniciativas de cooperação sob a identidade ou denominação de redes como a Rede de Universidades Regionais Latino-americanas (Rede UREL) e a Rede Latino-americana de Cooperação Universitária (RLCU) que atende fundamentalmente ao aprimoramento de universidades particulares da América Latina.

Ressalta-se que até hoje, a AUGM é a única rede de universidades públicas da região do Mercosul, apesar de tantas outras tentativas que não obtiveram êxito. Para tentar explicar essa questão de insucesso na cooperação entre universidades na região, pode-se recorrer a Velho (2001, p.65):

A grande maioria das cooperações realiza-se prioritariamente com instituições congêneres dos países europeus e norte-americanos, assim como a maior parte dos programas de cooperação existentes, tanto em nível federal como estadual, também são muito mais abundantes com os países avançados. [...] A mencionada preferência pelos países desenvolvidos explica-se por uma composição de fatores que incluem a maior capacitação científica de tais países até a disponibilidade de financiamento, tornando, assim, a colaboração com países centrais muito mais motivadora para as instituições e para os pesquisadores do que a associação com instituições ou grupos de pesquisa da Região e, mais especificamente, do Mercosul. Além disso, as assimetrias intra-regionais tendem a desencorajar a cooperação horizontal entre os países do Mercosul. Esse fato não chega a ser surpreendente dada a conhecida orientação dos pesquisadores da região no sentido das pautas teóricas e metodológicas dos grandes centros científicos mundiais, além do fato de que uma proporção significativa dos pesquisadores líderes locais foram treinados por e mantêm laços estreitos com pesquisadores dos países avançados.

De acordo com Burbano (2010), vale lembrar que no caso da América Latina, o histórico de redes começou antes:

Em 1948 foi realizado o primeiro congresso universitário centro-americano, em São Salvador, e deu lugar para a criação de uma organização sub-regional que hoje é conhecida como Conselho Superior Universitário Centro-americano - CSUCA. Na ocasião foi definida a convocação do primeiro congresso latino-americano de universidades, que se reuniu em 1949 em Antígua, na Guatemala, sendo a anfitriã a Universidade de San Carlos, dando origem à União de Universidades da América Latina – UDUAL.

De acordo com Burbano (2010) “a tendência para a associação universitária continuou na mesma década com a criação de ANUIES, no México, e da ASCUN, na Colômbia [...]”. No Caribe, surge a Associação de Universidades e Institutos de

Pesquisa do Caribe (UNICA) a partir de 1967. E outras associações, como o Grupo Universitario Latinoamericano de Estudos para a Reforma y Aperfeiçoamento da Educação (GULERPE), em 1965, o Centro Universitário de Desenvolvimento (CINDA), na década de 1970 e a Associação de Universidades da América Latina e Caribe para a Integração (AUALCPI) são formadas com propósitos semelhantes de integração e cooperação acadêmica internacional.

O Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC) conta com um registro das principais redes da região com as quais iniciou a articulação de esforços para a configuração do Espaço de Encontro Latino-americano e Caribenho de Educação Superior (ENLACES). Atualmente, há o registro de 102 organizações que compõem o “RedES” (Redes de Educação Superior) e de 36 Conselhos e Associações Nacionais de Reitores da região.

Historicamente, o ENLACES foi formado com o intuito de fazer parte da agenda dos governos e dos organismos multilaterais de caráter regional. Essa ideia foi defendida da com base no argumento:

Isto é básico para alcançar níveis superiores que enfoquem aspectos fundamentais da integração regional: o aprofundamento de sua dimensão cultural; o desenvolvimento de aptidões acadêmicas que consolidem as perspectivas regionais diante dos mais urgentes problemas mundiais; o aproveitamento dos recursos humanos para criar sinergias em escala regional; a superação de lacunas na disponibilidade de conhecimentos e capacidades profissionais e técnicas; a consideração do saber desde o prisma do bem-estar coletivo; e a criação de atribuições para a conexão orgânica entre o conhecimento acadêmico, o mundo da produção, do trabalho e da vida social, com atitude humanista e responsabilidade intelectual (IESALC, 2010).

Para organizar todas as informações sobre essas redes, foi adotada uma classificação que permite categorizar as redes de instituições de ensino superior. De acordo com os critérios de tipo de ação da organização ou trabalho desenvolvida pela mesma, cobertura geográfica e natureza temática, existem quatro categorias e nove subcategorias.

As categorias são redes regionais, redes nacionais, redes temáticas e agências ou órgãos internacionais. As redes regionais são compostas por universidades que tem sua ação institucional dentro de dois ou mais países da América Latina e no Caribe.

Esta categoria é dividida em três subcategorias: Intercontinental, quando abrange mais de uma região ou continente; Intra-regional que são redes formadas por instituições de ensino superior que trabalham em mais de uma sub-região da América Latina e no Caribe; e Subregionais quando operam em apenas uma sub-região da América Latina e no Caribe.

As redes nacionais são organizações cujo quadro institucional é uma ação nacional, mas suas ações estão envolvidas no contexto internacional. Esta categoria é dividida em duas subcategorias: Conselhos Diretivos e Associações de Instituições de Ensino Superior, onde se reúnem representantes de universidades e instituições de ensino superior do país; e Organizações de Apoio e Cooperação para apoiar a cooperação e promover o ensino superior.

As redes temáticas são formadas por organizações que desenvolvem tópicos específicos no domínio do ensino superior, seja na pesquisa ou como membros da comunidade acadêmica (estudantes, pesquisadores, professores). Esta categoria é dividida em duas subcategorias: Associações da Comunidade Acadêmica e Organizações de Pesquisa em Ensino Superior.

Por último, as agências e organizações Internacionais são organizações cujo enquadramento institucional da ação internacional é especializada em diferentes domínios de ação para apoiar e promover o ensino superior. Esta categoria é dividida em duas subcategorias: apoiar as organizações internacionais e a cooperação com o Ensino Superior internacional.

Essas categorias e subcategorias podem ser observadas de forma esquemática e resumida no quadro 3 a seguir.

Categoria	Redes Regionais	Redes Nacionais	Redes Temáticas	Órgãos internacionais
Subcategorias	Intercontinental	Conselhos Diretivos e Associações de Instituições de Ensino Superior	Associações da Comunidade Acadêmica	Organizações internacionais de apoio e cooperação com o Ensino Superior
	----- Intra-regional	----- Organizações de Apoio e Cooperação	----- Organizações de Pesquisa em Ensino Superior	----- Organizações internacionais
	----- Subregional			

Quadro 2 - Tipologia de redes internacionais. Fonte: elaborado pela autora a partir de IESALC (2010).

Relacionado as tipologias das redes internacionais de educação, pode-se mencionar outra classificação mais simples e somente com três categorias: macro, temática e universitária. As redes macro, como é o caso da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura (OEI) e da Associação Internacional de Universidades (AIU), são mais amplas não englobando somente universidades, mas também organizações não governamentais ligadas à educação. Outros exemplos de rede macro são: Organização Universitária Interamericana (OUI), Conselho Universitário Ibero-americano (CUIB) e Global University Network for Innovation (GUNI).

As redes temáticas são mais específicas a um tema ou setor dentro do ensino superior, como é o exemplo da Associação Universitária Ibero-americana de Pós-Graduação (AUIP), da Rede Ibero-americana para a avaliação e acreditação da educação superior (RIACES) e do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLASCO).

As redes universitárias, como o próprio nome diz, são compostas por universidades que visam objetivos em comum. Como exemplos de redes universitárias pode-se mencionar: Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM); Grupo Interuniversitário ARCAM; Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP); Grupo Tordesilhas; Grupo Columbus; Conferência de Reitores das Universidades do Quebec (CREPUQ) e Grupo Coimbra.

Para finalizar essa discussão sobre tipologias e classificações, Stallivieri (2004, p.42) expõe:

Os diferentes tipos de redes, sejam eles temáticos, interdisciplinares, interregionais, baseados numa comunidade lingüística ou na proximidade geográfica, ou ainda em função da delimitação dos blocos econômicos, levam a crer que o seu desenvolvimento e o seu fortalecimento são virtudes essencialmente metodológicas que permitem organizar a cooperação interuniversitária nacional ou internacional de forma mais equilibrada e eficaz.

Após esse embasamento teórico e contextualização prática, no próximo capítulo encontra-se as concepções metodológicas para realização da presente pesquisa de estudo de caso da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM).

3. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que nortiam esse estudo, sendo apresentadas as concepções epistemológicas, a especificação do problema, as perguntas de pesquisa, a definição das categorias de análise, a delimitação e o design da pesquisa, a abordagem qualitativa, o objeto de estudo, a fonte e coleta de dados, como a análise dos dados e as limitações da pesquisa.

3.1. CONCEPÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Sendo a posição epistemológica o reflexo da visão sobre o que sabemos sobre o mundo e como que nós o sabemos (MARSH; FURLONG, 2002), este estudo segue a tradição interpretativista, segundo a qual o mundo é socialmente construído (BERGER; LUCKMANN, 1996).

De acordo com Bulgacov e Bulgacov (2007), no paradigma interpretativista a realidade é objetivada pela experiência intersubjetiva e dirige-se aos processos através dos quais múltiplos significados e realidades são criados, sustentados e modificados socialmente.

Em adição, lembra-se que o sentido de cooperação entre participantes de redes organizacionais nem sempre é dado por razões econômicas, mas por laços de afetividade e confiança entre membros.

Dessa forma, é preciso uma epistemologia interpretativista que analise de uma perspectiva subjetivista as questões sócio-culturais e, no caso deste estudo, o capital social na configuração da organização em rede AUGM.

3.2. ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA

O problema de pesquisa deste trabalho pode ser observado através do questionamento: **como o capital social influenciou a configuração da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) no período de 1991 a 2011?**

3.2.1. Perguntas de Pesquisa

Para alcançar o objetivo geral deste estudo, os objetivos específicos foram ser traduzidos nas seguintes perguntas de pesquisa:

- 1- Quais são as universidades membro da AUGM no período de 1991 a 2011?
- 2- Por meio dos atributos de densidade, centralidade e simetria dos relacionamentos na rede AUGM, como é a configuração da rede como um todo, seus laços e o papel dos atores?
- 3- Quais são os atributos das dimensões estrutural, relacional e cognitiva e informacional do capital social existentes na rede AUGM?
- 4- De que forma o capital social influenciou na configuração de uma rede internacional de universidades?

3.2.2. Definição das Categorias de Análise

As definições constitutivas e operacionais dos termos teóricos sobre Capital Social e Organização em Rede, que serão estudados empiricamente neste trabalho, podem ser observadas na descrição abaixo e de forma esquemática nos quadros 3 e 4 a seguir.

Capital Social:

Definição Constitutiva: Consiste na soma dos recursos atuais e potenciais derivados de redes de relacionamento tidas por um indivíduo ou unidade social (NAHAPIET; GOSHAL, 1998) que resultam em valores e normas dos relacionamentos, permitindo a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais (MARTELETO; SILVA, 2004). É, assim, um conjunto de ativos intangíveis desenvolvido com base nas relações interpessoais mantidas na rede organizacional.

Definição Operacional: Por meio das entrevistas, será analisado em suas dimensões estrutural, relacional, cognitiva e informacional (NAHAPIET; GOSHAL, 1998; KOKA; PRESCOTT, 2002).

Como a dimensão estrutural será analisada conjuntamente com a rede organizacional, ressalta-se a necessidade de três indicadores para as demais dimensões do capital social, sendo a confiança e a reciprocidade na dimensão relacional e canais de comunicação na dimensão cognitiva e informacional.

A confiança será analisada de acordo com o controle de comportamentos oportunistas e indesejados coletivamente. A reciprocidade será observada de acordo com Coleman (1988) e Burt (1992), levando em consideração se assume tipologia de balanceada/ específica ou de generalizada/difusa. Os canais de comunicação serão analisados tanto em relação à veículos de comunicação quanto em relação à tipo de conteúdo e linguagem utilizada.

As características para observação de cada dimensão podem ser visualizadas de forma esquemática no quadro 3 a seguir. Ressalta-se que essas características tornar-se-ão mais visíveis por meio da análise da rede como um todo e dos laços organizacionais, conforme será observado na definição operacional de redes organizacionais.

Dimensão	Estrutural	Relacional	Cognitiva	Informacional
Conceito	Padrão de conexão entre os atores e inclui conexões e configurações da rede	Ativos que são criados e alavancados por meio do relacionamento	Recursos que representam visões compartilhadas	Volume, diversidade e riqueza das informações
Indicadores	Densidade, conectividade, hierarquia	Identificação, confiança, normas, obrigações, sanções, expectativas	Linguagem, códigos e narrativas	Quantidade e qualidade dos canais de comunicação; emissor e receptor.
Questões de pesquisa	1-Quais são os participantes da rede? 2-Qual a frequência de interação entre eles? 3-Existe hierarquia interna na rede?	1-Há participação de todos os membros da rede? 2-Existe confiança e reciprocidade entre os membros? 3-Os membros seguem normas da rede? 4-Há restrições ou obrigações internas na rede? 5-Há autonomia para entrar e sair da rede? 6-Os membros participam da rede por quais motivações?	1-A informação é compartilhada frequentemente e de forma formal ou informal? 2-Qual linguagem e canal de comunicação é mais utilizado entre os membros da rede? 3-Qual o conteúdo da comunicação interna da rede?	1-Quais os veículos de comunicação utilizados na rede AUGM? 2- O que se transmite pelos canais de comunicação da AUGM? 3- Quem são os principais emissores e receptores de comunicação na rede AUGM?

Quadro 3 – Definição operacional de Capital Social. Elaborado pela autora a partir de Nahapiet e Goshal (1998) e Koka e Prescott (2002).

Organização em rede:

Definição Constitutiva: Formada por organizações que se coordenam entre si para atingir metas coletivas e de interesse próprio.

Definição Operacional: A organização em rede AUGM será estudada operacionalmente através do estudo de sua configuração para compreender as ligações entre entidades sociais e as implicações destas ligações (WASSERMAN; FAUST, 1994). Isso será possível através de técnicas de entrevista e posterior Análise de Redes Sociais (ARS), que tem suas categorias de análise deste estudo detalhadas de forma esquemática no quadro 4 a seguir. No mapeamento da rede, será utilizado o software UCINET para análise de três indicadores previamente selecionados: densidade, centralidade e simetria.

O indicador densidade é computado medindo-se a proporção entre os laços presentes e o número total de laços possíveis, excluindo-se os laços que aparecem na intersecção do ator com ele mesmo. Esta é uma métrica que avalia bem o relacionamento geral dos atores dentro de uma organização porque ela calcula o índice de conectividade dos nós na rede. Já o indicador centralidade é analisado por meio de medidas de centralidade (degree) identificar indivíduos mais proeminentes. Degree avalia o prestígio do ator pelo número de laços recebidos (indegree) e pelo número de laços mandados (outdegree), ou seja, indica o número de laços ou vínculos que o ator tem. Por último, a simetria é observada nos movimentos entre pontos correlativos.

Termo	Categoria de análise	Definição Constitutiva	Definição Operacional - indicadores
Configuração de Redes	Rede como um todo	Avaliação métrica que diz respeito à estrutura da rede e ao grau de interação e coesão entre seus membros.	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Tamanho</u>: número atores nas rede. - <u>Densidade</u>: relação entre o número de laços reais e os possíveis na rede. - <u>Simetria</u>: Relação do número laços simétrico para assimétricos. - <u>Centralização</u>: Diferença entre os escores de centralidade do ator mais central e de todos os outros atores em uma rede.
	Laços	Caracterização do tipo de laço de relacionamento que há entre os atores dentro da rede.	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Frequência</u>: quantas vezes laço ocorre. - <u>Estabilidade</u>: laço ao longo do tempo - <u>Força</u>: quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade e serviços recíprocos - <u>Direção</u>: qual laço é de um ator para outro - <u>Simetria</u>: se relação é bi-direcional
	Papel dos atores	Analisa o papel de cada ator na estrutura da rede através das métricas de centralidade, indicando a influência que cada membro exerce na manutenção e na expansão da rede.	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Estrela (Star)</u>: ator é central na rede. - <u>Ligação (Liaison)</u>: ator tem ligações com dois ou mais grupos que não estariam ligados, mas não é um membro de nenhum grupo. - <u>Ponte (Bridge)</u>: ator é membro de dois ou mais grupos. - <u>Porteiro (Gatekeeper)</u>: ator que controla o fluxo (é a única ligação) entre uma parte da rede e outra - <u>Isolado</u>: ator que não tem ou somente poucas ligações.

Quadro 4 – Definição operacional de Organização em Rede. Elaborado pela autora a partir de Monge e Contractor (2001).

3.3. DELIMITAÇÃO E DESIGN DA PESQUISA

Ao assumir uma concepção epistemológica interpretativista, o delineamento proposto para o desenvolvimento desta pesquisa se enquadra no tipo de pesquisa descritivo-exploratória, seguindo a abordagem qualitativa sob o método de estudo de caso, com perspectiva temporal longitudinal com cortes transversais. Esta delimitação tem suas características e escolhas de aplicação explicadas na sequência deste trabalho.

3.3.1. Abordagem Qualitativa

O trabalho apresenta uma abordagem qualitativa que, segundo Martins e Theóphilo (2009, p.61), “é caracterizada pela descrição, compreensão e interpretação de fatos e fenômenos”.

Para Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é um meio de explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupo atribuem a um problema social. É preciso então fazer uma interpretação e análise dos significados dados para compreensão de como a realidade é socialmente construída.

A técnica de pesquisa utilizada neste trabalho foi de estudo de caso, que é “um tipo de pesquisa especialmente adequado quando se quer focar problemas práticos, decorrentes das intrincadas situações individuais e sociais presentes nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.” (GODOY, 2006,p 121).

Yin (2006) afirma que a investigação de estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências e, ao beneficiar-se dos pressupostos teóricos, é possível realizar a coleta e análise dos dados.

Martins e Theóphilo (2009, p. 62) argumentam que “mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa”.

Godoy (2006,p 121) acrescenta que

embora o estudo de caso se concentre na maneira como uma pessoa ou grupo de pessoas trata determinados problemas, é importante ter um olhar holístico sobre a situação, pois não é possível interpretar o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial dentro do qual os indivíduos desenvolvem seus sentimentos, pensamentos e ações.

Portanto, ao levar em consideração que a pesquisa qualitativa baseia-se na visão de que a realidade é construída pela interação de indivíduos com o seu mundo social, tentou-se levantar o máximo possível de informações por meio de dados primários e secundários. A forma como os dados foram coletados e analisados pode ser observada na próxima seção deste trabalho.

3.3.2. Fonte e Coleta de Dados

Segundo Yin (2006), estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. No presente estudo, as fontes de pesquisa, ou dados primários, foram entrevistas focadas com os membros da AUGM, desde sua cúpula organizacional, denominada Secretaria Executiva, localizada em Montevideu – Uruguai, além de Reitores, Delegados Assessores (representantes nomeados pelos Reitores), professores e alunos intercambistas em diferentes universidades membro da organização, sendo selecionados conforme acessibilidade visando à continuidade da pesquisa.

Na entrevista focada, segundo Yin (2006), o respondente foi entrevistado por um curto período de tempo e pôde assumir um caráter aberto-fechado ou se tornar conversacional, sempre seguindo perguntas estabelecidas no protocolo da pesquisa.

Acrescenta-se que, de acordo com Godoi *et al* (2006, p.305), ficou “aberta ao entrevistador a possibilidade de inserir outras perguntas ou participações em diálogo, conforme o contexto e as oportunidades, tendo sempre em vista o objetivo geral da entrevista”.

De acordo com Creswell (2010), a entrevista foi realizada face a face, por telefone, por e-mail e em grupo focal. Vale citar que se identificaram como limitações da

técnica de entrevista: as informações indiretas, que são filtradas pelos pontos de vista dos entrevistados, e a presença do pesquisador ou a sua forma de interrogar que pode influenciar as respostas.

Por fim, citam-se como fonte de pesquisa os dados secundários obtidos por meio do website AUGM e documentos em geral disponibilizados por responsáveis da AUGM tanto na Secretaria Executiva quanto em cada universidade membro da organização. Estes dados foram somados a uma pesquisa documental ao buscar material que não foi editado, como memorandos e avaliações.

3.3.3. Análise dos Dados

A partir dos dados primários, coletados por meio da técnica de entrevista, foi realizada uma análise de conteúdo. Esse tipo de análise corrobora com a perspectiva teórica da construção de sentidos defendida pela concepção epistemológica interpretativista, além de ser um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2006, p.27).

De acordo com Bardin (2006, p.26), “desde que se começou a lidar com comunicações pretende-se compreender para além dos seus significados imediatos”. Assim, no processo de análise de conteúdo há a observação do intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa. Dessa forma, é possível realizar a interpretação de mensagens obscuras ou com duplo sentido visando à redução de incertezas e o enriquecimento da leitura (BARDIN, 2006).

Para corroborar com essa ideia, Bardin (2006, p. 37) afirma que designa-se sob o termo análise de conteúdo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos o objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas), destas mensagens.

Assim, no desenvolvimento de uma análise, levou-se em consideração desde a escolha de documentos e a elaboração de indicadores para então, a partir do tratamento dos dados fossem realizadas sínteses, inferências e interpretações.

O tratamento dos dados coletados foi realizado primeiramente pelo mapeamento da rede da AUGM no período de 1991 a 2011, em específico nos anos 1991, 2001 e 2011 escolhidos aleatoriamente para realização de corte temporal. Este mapeamento foi possível por meio da análise das informações secundárias (documentos e website da AUGM) e entrevistas pelo *software* UCINET. Este software elaborado por Steve Borgatti, Martin Everett and Lin Freeman (2002) dispõe de algoritmos que auxiliaram na compreensão estrutural da referida rede. Após este mapeamento, as dimensões do capital social foram identificadas ao longo do tempo por meio dados mapeados com triangulação às entrevistas realizadas.

Quanto à questão da confiabilidade e validade desta pesquisa, percebe-se que:

Em uma situação social em que o conhecimento é construído, em que o imprevisto e o insuspeito fazem parte do método, a dimensão central da validade envolve não o ocasional, mas a correspondência entre as produções geradas pela entrevista e o modelo teórico da pesquisa. (GODOI ET AL, 2006, p.307).

Em outras palavras, Gibbs (2007) *apud* Creswell (2010) afirma que a confiabilidade qualitativa indica que a abordagem do pesquisador é consistente entre diferentes pesquisadores e projetos e a validade qualitativa significa que o pesquisador verifica a precisão dos resultados empregando alguns procedimentos. Neste estudo, os procedimentos utilizados para garantir confiabilidade e validação qualitativa foram: verificação da transcrição dos membros para determinar a precisão dos resultados qualitativos; triangulação com diferentes fontes de informação e verificação de possíveis evidências; apresentação das informações negativas ou discrepantes, as quais se opõem ao capital social ou o afetam negativamente, aumentando a credibilidade do relato.

3.3.4. Limitações da Pesquisa

As limitações metodológicas são bastante relevantes em uma pesquisa, levando em consideração as especificações deste trabalho de estudo de caso da AUGM, pode-se ressaltar a diferença cultural que pode interferir na forma com que serão interpretados os significados nas ações sociais, ou seja, como os indivíduos fazem sentido do seu mundo e de seus comportamentos.

Essa dificuldade deve-se ao fato de que o pesquisador de nacionalidade brasileira entrevistará pessoas de outras nacionalidades, como argentinos e uruguaios. Para superar esse desafio, dever-se-á focar nas questões de pesquisa através das técnicas de observação e entrevista, assumindo uma postura imparcial.

Outra dificuldade encontrada no presente estudo é relativa à perspectiva temporal transversal com aproximação longitudinal, fazendo com que os conteúdos das entrevistas se referissem muitas vezes a acontecimentos passados. Esse distanciamento entre o acontecimento no passado e o relato a partir da interpretação do entrevistado faz com que os eventos não sejam captados em sua totalidade. Assim, o papel da pesquisadora foi a de interpretar a interpretação dos entrevistados a fim de compreender como ocorreu o processo de formação e evolução da rede AUGM e a perceber a presença do capital social nesse processo.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, embasada em dados secundários, apresenta-se neste capítulo a caracterização do objeto de estudo deste trabalho, a Associação de Universidades Grupo Montevideú (AUGM). Após, por meio da análise dos dados primários é realizado o mapeamento da rede organizacional com utilização do software UCINET e é identificada a contribuição do capital social em suas distintas dimensões ao longo do tempo para a evolução da organização em rede AUGM.

4.1. Caracterização do objeto de estudo - Associação de Universidades Grupo Montevideú (AUGM)

A Associação de Universidades Grupo Montevideú (AUGM) foi fundada em 1991 por oito universidades públicas de quatro países do sul da América do Sul com o objetivo de constituir um espaço acadêmico comum ampliado de cooperação científica, tecnológica, educativa e cultural.

Em 2011, esta organização está presente em seis países e é formada por vinte e oito universidades públicas, autônomas e autogovernadas dos países da região do Mercosul. Dessas instituições, dez universidades estão na Argentina, dez no Brasil, duas na Bolívia, duas no Chile, três no Paraguai e uma no Uruguai.

As universidades argentinas são:

- Universidad de Buenos Aires (UBA)
- Universidad Nacional de Córdoba (UNC)
- Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo)
- Universidad Nacional de Entre Rios (UNER)
- Universidad Nacional do Litoral (UNL)
- Universidad Nacional de La Plata (UNLP)
- Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP)
- Universidad Nacional del Nordeste (UNNE)

- Universidad Nacional de Rosario (UNR)
- Universidad Nacional de Tucumán (UNT)

As universidades bolivianas membro são:

- Universidad Mayor de San Andrés (UMSA)
- Universidad Mayor, Real y Pontificia de San Francisco Xavier de Chuquisaca (UMRPSFXCH)

As universidades brasileiras são:

- Universidade Federal de Goiás (UFG)
- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
- Universidade Federal do Paraná (UFPR)
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)
- Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
- Universidade Estadual Paulista (UNESP)
- Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
- Universidade de São Paulo (USP)

As universidades chilenas são:

- Universidad de Santiago de Chile (USACH)
- Universidad de Playa Ancha (UPLA).

As universidades paraguaias são:

- Universidad Nacional de Asunción (UNA)
- Universidad Nacional del Este (UNE)
- Universidad de Itapúa (UNI).

A universidade uruguaia membro é a Universidade da República (UDELAR), única instituição de ensino superior pública do país.

No ano de 2011, o tamanho da rede organizacional da AUGM atinge em potencialidade, ao ter vínculo com vinte e oito universidades membro em seis países distintos, aproximadamente dois milhões de estudantes de graduação, duzentos mil alunos de pós-graduação, vinte e cinco mil professores e pesquisadores.

Em entrevista com o Secretario Ejecutivo da AUGM, ele comenta que “ter um programa de intercâmbio de graduação que mobiliza mais de 500 estudantes ao ano é uma demonstração da força da rede para integração regional”.

4.1.1. Contexto histórico e motivação para a criação da AUGM

O contexto histórico e sócio-econômico no início da década de 1990 envolve a globalização, o neoliberalismo e a discussão da Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre a comercialização da educação.

Com objetivo econômico-político de integração e união aduaneira, em 26 de março de 1991, foi assinado o Tratado de Assunção entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Formou-se então o Mercado Comum do Sul, o bloco econômico popularmente chamado de Mercosul.

Com vistas nesta integração entre os países da região sul da América Latina, foi realizado um encontro de reitores de universidades públicas, onde todos defendiam o ensino superior como direito humano fundamental, ocorrendo um processo político-acadêmico até então inédito na vida universitária da região do Mercosul: a constituição do Grupo Montevideú.

A fundação da Associação de Universidades Grupo Montevideú (AUGM) ocorreu em 09 de agosto de 1991, quando reuniram-se em Montevideú Reitores de oito universidades de quatro países distintos: Universidad de la República (UDELAR) – Uruguai, Universidade de Santa Maria (UFSM) – Brasil, Universidade Nacional de Assunção (UNA) – Paraguai, e as Argentinas Universidad de Buenos Aires (UBA),

Universidad Nacional de Entre Rios (UNER), Universidad Nacional de La Plata (UNLP), Universidad Nacional del Litoral (UNL), Universidad Nacional de Rosario (UNR).

O Presidente da AUGM no ano de 2010 explica que a AUGM nasceu em um momento em que a situação da universidade pública era dependente de governos neoliberais e de receitas de organismos internacionais que as enxergavam como inoperantes e caras, pensando em um modelo privado de universidade. Desta forma, ao criar a AUGM com objetivos de integração e solidariedade entre as instituições universitárias para o desenvolvimento regional, em uma perspectiva de curto prazo tem-se uma ferramenta poderosa para colocar as universidades públicas realmente a serviço de seus povos. O presidente finaliza dizendo que “vendo de uma perspectiva de vinte anos de história, eu diria que a visão dos fundadores foi correta”.

Entre as características que colocam as universidades membro AUGM a terem condições de encarar atividades conjuntas de cooperação com perspectivas certas de viabilidade, menciona-se a semelhança de suas vocações para o ensino superior público; a- proximidade geográfica; e similaridades em suas histórias e estruturas acadêmicas.

A coordenadora de Programas e Projetos da AUGM complementa que “com muitos estudantes e ensino mais que pesquisa, o que nos resta é unir esforços para poder favorecer/realizar atividades que de outra maneira não seria possível”.

Percebe-se assim que, conforme apresentado por Oliver (1990), houve determinantes como a necessidade, a estabilidade e a reciprocidade na formação da rede. A necessidade é percebida quando as universidades estabeleceram ligações para encontrar requisitos legais e reguladores para o ensino superior público na América do Sul. Conjuntamente, a estabilidade é observada pois as universidades tentam reduzir a incerteza ambiental a partir de relações com outras organizações. Por último, a reciprocidade foi obtida como resultado das universidades perseguirem conjuntamente um alvo comum e objetivos mutuamente benéficos.

Essas características das universidades membro da rede AUGM podem ser observadas no discurso de um dos fundadores:

A modalidade de integração adotada pela AUGM envolve, contrariamente ao modelo de 'cooperação vertical' entre universidades e instituições científicas pertencentes a países com graduação de desenvolvimento científico-tecnológico muito díspar (cooperação Norte-Sul), contrariamente a esse modelo, repito, o caso da AUGM envolve universidades e instituições científicas pertencentes a países com graduação de desenvolvimento científico-tecnológico compatível e, além disso, primordialmente, com problemáticas idênticas e objetivos políticos análogos. Isto é dizer uma forma de relacionamento horizontal, mais simétrico e principalmente de maior coerência política entre as partes (AUGM – 15 años de história, p.83).

Os principais recursos iniciais e que mantém a organização são: capital humano e as capacidades instaladas de cada universidade. Na questão financeira, tem como suporte uma taxa anual paga por cada universidade membro, além do apoio de outros organismos internacionais: UNESCO e OEI-PIMA. Não há financiamento direto por parte dos governos regionais. Essa falta de verba direta dos governos torna-se incoerente com a discussão de integração regional e com o objetivo do Mercosul de tentar transpor as barreiras econômicas entre os países da região.

Na abertura da XIX Jornada de Jovens Pesquisadores da AUGM, o presidente da organização comentou que:

No nosso país (Brasil), há alguns anos atrás, nós chegamos a acreditar, em função da política neoliberal, que não seria possível ter o financiamento do ensino superior. No entanto, nesses últimos anos, nós dobramos de tamanho. Nosso sistema público de ensino superior dobrou de tamanho, ou seja, recursos existem, o que falta é vontade política para que a gente possa garantir que essas jóias preciosas, que são as nossas universidades, possam ter continuidade e continuar contribuindo para o futuro dos nossos países.

Com pressuposto neste contexto histórico, será observado a seguir os objetivos e as atividades desenvolvidas pela AUGM para desenvolvimento e integração regional do Cone Sul.

4.1.2. Objetivos, programas e atividades principais da AUGM

Os objetivos da AUGM são contribuir no fortalecimento e consolidação de:

- Uma massa crítica de recursos humanos de nível qualificado, aproveitando as vantagens comparativas que oferecem as capacidades instaladas na região;
- Uma pesquisa científica e tecnológica, inclusive os processos de inovação, adaptação e transferência tecnológica em áreas estratégicas;
- A formação contínua, inscrita no desenvolvimento integral das populações da sub-região;
- A estrutura de gestão das universidades integrantes da Associação;
- A interação de seus membros com a sociedade em seu conjunto, difundindo os avanços do conhecimento tendentes à sua modernização.

Esses diversos objetivos se materializam por meio dos diferentes programas, convênios e atividades realizadas pela AUGM, que são:

- Núcleos Disciplinares e Comitês Acadêmicos: É um espaço de agrupação técnico-acadêmica que procura, através de abordagens interdisciplinares, o permanente intercâmbio de recursos humanos e materiais em temáticas e estratégias de caráter regional frente a diversas problemáticas. Dessa forma, configura-se um grupo de especialistas que, de maneira descentralizada e autônoma, propõe e leva adiante com o apoio da Secretaria Executiva da AUGM as atividades que entendam-se como necessárias para o melhor desenvolvimento de sua área de conhecimento ou da região. Atualmente existem em funcionamento doze núcleos disciplinares e quinze comitês acadêmicos.
- Programa Escala de Mobilidade Acadêmica Estudantil e Docente: O Programa foi criado no ano 1993, conseguindo em poucos anos mobilizar um importante número de acadêmicos entre as universidades, fato que demonstrou tanto o interesse institucional de cooperação das universidades participantes, como a necessidade de promover o trabalho conjunto e solidário que a região e sua população demandam.

- Jornadas de Jovens Pesquisadores: O programa foi criado em 1993 como atividade visível e cardinal da Rede, constituindo o espaço anual que congrega centenas de jovens pesquisadores das diferentes Universidades membro da AUGM.
- Seminário Internacional “Universidade, Sociedade, Estado”: A AUGM, como rede acadêmica regional de universidades públicas, decidiu implementar um espaço de articulação entre os acadêmicos, os Estados e as sociedades.
- Antena Observatório Alfa III: Projeto dirigido à criação de sinergias e coordenação de processos entre os projetos e seus componentes.
- Convênio AUGM - Grupo Coimbra (GC): intercâmbio de estudantes de graduação e de pós-graduação entre as Universidades da AUGM e do GC.
- Convênio AUGM – Parlamento MERCOSUL: Promoverá o desenvolvimento de pesquisas relacionadas com os processos de integração regional e outros campos de interesse mútuo.

4.1.3. Organograma da AUGM

O organograma da AUGM está dividido nos seguintes órgãos: Conselho de Reitores, Conselho Consultivo, Secretaria Executiva, Grupo de Delegados Assessores e Comissão Fiscal.

O Conselho de Reitores está composto por Reitores das Universidades membro, que têm voz e voto em suas deliberações, e pelo Secretário Executivo, que só tem voz. Reúne-se duas vezes por ano em forma ordinária e é presidido pelo Reitor da Universidade anfitriã. Entre suas funções está estabelecer a política geral da Associação; aprovar o Estatuto e suas reformas; determina o país sede da Secretaria Geral, designa o Secretário Geral e fixa o regime de sua remuneração; eleger os membros da Comissão Fiscal bem como decidir sobre a entrada de novas universidades no grupo; aprovar programas e projetos de interesse para a AUGM e estabelecer um fundo monetário para auxílio dos mesmos; aprovar os informes do

Secretario Geral, o informe técnico-financeiro semestral e o Regulamento Interno de funcionamento dos órgãos da Associação e suas possíveis reformas.

O Conselho Consultivo é formado pelos ex-Reitores de Universidades participantes e ex-membros do Conselho de Reitores da Associação, que se reúnem pelo menos uma vez ao ano em forma ordinária. Como função, deve assessorar os distintos órgãos da Associação em todas as questões em que é solicitada opinião e, em particular, em caso de incorporação e exclusão de membros e de disciplinas e temas acadêmicos; deve participar também do processo de avaliação das atividades institucionais; e deve tomar conhecimento dos informes anuais da Secretaria Geral e formular as recomendações que julga necessárias ao Conselho de Reitores.

A Secretaria Executiva permanece por quatro anos em suas funções e pode ser reeleita. Entre suas funções estão: convocar o Conselho de Reitores e propor uma agenda de cada reunião; propor bases para Política Geral e Regulamento Interno da AUGM; cumprir o Estatuto da Associação; executar as decisões do Conselho de Reitores; coordenar e supervisionar a execução dos programas e projetos em andamento; ordenar gastos e pagamentos, além de poder assinar e rescindir contratos; gerenciar a assistência técnica e financeira de fontes externas; representar a Associação ante os organismos públicos e as instituições privadas nacionais e ante as organizações estrangeiras e internacionais.

O Grupo de Delegados Assessores é composto por um representante de cada Reitor. Este grupo reúne-se regularmente, entre cada uma e outra das reuniões do Conselho de Reitores, com o objetivo de colaborar no cumprimento de suas decisões e preparar suas futuras atividades. Assim, suas funções são: assessorar aos distintos órgãos da Associação; formular recomendações nos casos de incorporação, supressão ou modificação dos núcleos disciplinares e comitês acadêmicos; colaborar na coordenação e supervisão das atividades que em geral se desenvolvem nos distintos âmbitos da Associação.

A Comissão Fiscal é formada por dois representantes que são eleitos pelo Conselho de Reitores entre seus integrantes, e permanecem pelo menos um ano em

suas funções de inspeção de registros contábeis e demais aspectos do funcionamento econômico e financeiro da Associação.

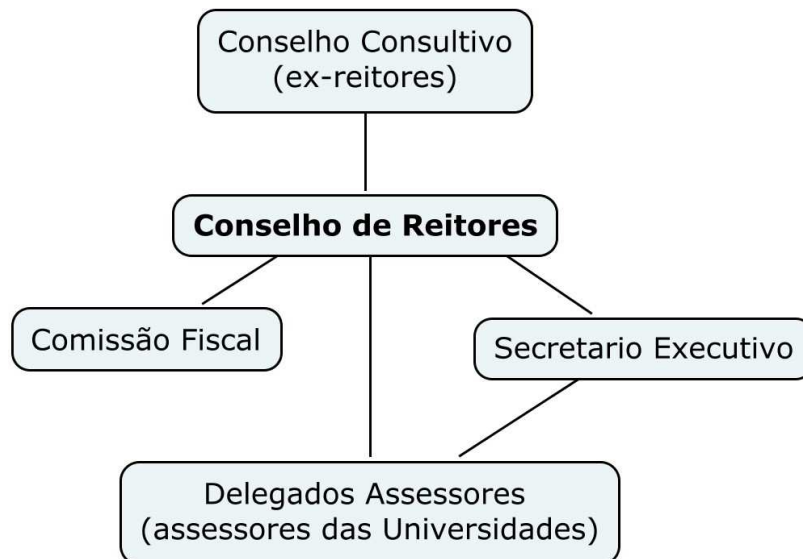


Figura 1: Estrutura organizacional formal da AUGM. Elaboração própria.

Ressalta-se neste ponto que o presente trabalho não foca no organograma, ou seja, na estrutura organizacional formal da AUGM, mas na dinâmica de rede que é considerado o formato organizacional original e desenvolvido pelas atividades da referida organização.

Com este pressuposto, na sequência será apresentado o histórico da rede envolvendo o mapa organizacional e analisando a contribuição das dimensões do capital social tanto na formação quanto na evolução da AUGM.

4.2. Capital social ao longo da história da AUGM

Após esta exposição sobre a formação da AUGM, englobando seus objetivos, atividades principais e organograma, nesta seção, por meio da análise dos dados primários e secundários, demonstra-se aqui as dimensões do capital social percebidas

no contexto da evolução da organização em três distintos períodos de tempo: em 1991 na fundação da AUGM; de 1991 a 2001; e de 2001 a 2011. A partir de então, analisa-se como o capital social influenciou na configuração da organização AUGM ao longo do tempo.

4.2.1. Fundação da AUGM - 1991

Desde sua fundação, a AUGM tem contribuição do capital social resultado das relações pessoais e, com o passar do tempo, este assume um caráter coletivo e próprio da organização. Esta afirmação é corroborada ao longo deste texto que conta o histórico da rede e demonstra as distintas dimensões do capital social que se tornam evidentes conforme a análise dos dados primários e secundários de pesquisa.

Começando pela fundação da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) em 1991, quando reuniram-se em Montevideu -Uruguai Reitores de oito universidades de quatro países distintos, sendo que a grande maioria (cinco) eram da Argentina e os outros do Brasil, Paraguai e do próprio Uruguai, tornando perceptível um viés de conexão interpessoal na reunião. Cada Reitor se fez presente neste encontro por convite de algum outro Reitor conhecido, neste ponto podemos caracterizar a existência do capital social interpessoal na formação da rede AUGM.

Esta afirmação pode ser confirmada com base na entrevista com Reitor da UFSM e um dos fundadores da AUGM, segundo o qual a união dessas oito universidades em Montevideu teve ideia inicial a partir de conversações informais dele com o fundador da UFSM. Antes mesmo de sua posse como Reitor, o fundador comentava com entusiasmo das relações internacionais que a UFSM teve com leste europeu e universidades americanas, bem como o seu desejo de continuar a internacionalização da UFSM.

Na América do Sul, o fundador da UFSM era amigo Reitor na UDELAR e repassou o contato e a missão de fazer um convênio com esta universidade ao no Reitor. O entrevistado foi conversar pessoalmente com o Reitor da UDELAR em Montevideu com o intuito de fazer uma proposta de integração universitária, e este

segundo também já estava pensando em fazer algo voltado a integração da educação no Mercosul.

A partir de então se corresponderam por telefone e marcaram outra reunião em Montevideu, contando com outras universidades da Argentina e uma do Paraguai convidadas pelo Reitor de Montevideu. Nessa primeira reunião foi decidido constituir uma rede de universidades para integração do conhecimento na região do Mercosul organização, que passou a ser chamada Grupo de Montevideu.

É importante mencionar neste ponto que estas informações foram fornecidas por um dos entrevistados da AUGM, defendendo o seu ponto de vista para a ideia da constituição da AUGM. De acordo com os documentos da organização, todos remetem a criação da AUGM como uma ideia do Reitor da UDELAR. De acordo com a secretaria administrativa da AUGM desde 1998: “o Reitor da UDELAR foi secretário executivo da AUGM de 1991 a 2005 tratando a organização como se fosse uma filha”. Corroborando com este segundo depoimento, percebe-se no mapa da rede que tanto ele como posteriormente a UDELAR tem seu papel destacado como estrela e porteiro na centralidade da rede organizacional.

Na reunião de fundação, de acordo com os dados secundários, estavam presentes também nesta solenidade o Presidente da República Oriental do Uruguai e o Ministro da Educação e da Cultura do Uruguai.

Esta informação é complementada pelo Reitor da UFSM e um dos fundadores da AUGM ao justificar a escolha do local de encontro: “a reunião ocorreu em Montevideu porque basta o Reitor da UDELAR atravessar a rua que está no Palácio do Governo ou na sede da UNESCO”.

Nesta fase de fundação da AUGM, com base no mapeamento da rede e nas entrevistas, percebe-se as características das dimensões do capital social de forma esquemática como segue:

- **Dimensão estrutural:**

A AUGM começou com oito universidades de quatro países distintos. Na figura 2 a seguir estes atores podem ser identificados de forma esquemática de rede. Ressalta-se que os membros dos mesmos países estão de mesma cor, sendo elas: Argentina – azul, Brasil – verde, Paraguai – laranja, e Uruguai – amarelo.

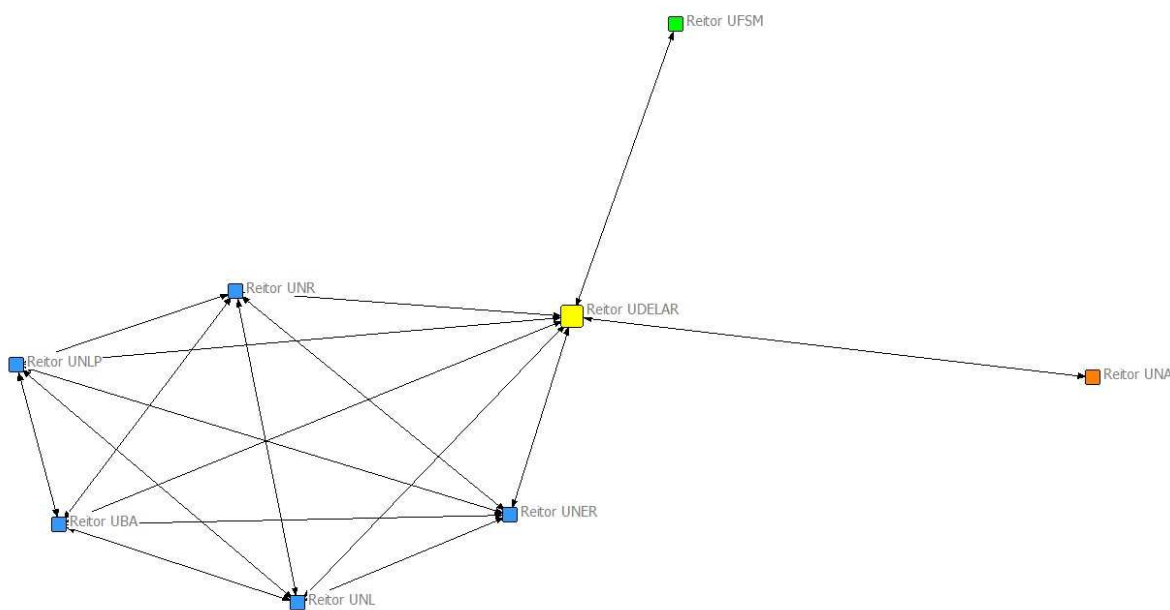


Figura 2: Mapa da rede AUGM em 1991. Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados primários e secundários de pesquisa

Quanto ao tamanho, a rede pode ser considerada como pequena ao levar em conta a participação de somente oito indivíduos representantes de suas instituições.

A densidade, que demonstra o índice de conectividade dos membros na rede, é de 60,07%, significando que existe este número de laços em relação ao total de conexões possíveis. Isto quer dizer que ocorreu 33,6 relacionamentos na rede ($k \times (k-1) \times 60\%$). Quanto à simetria, o fato dos laços serem bidirecionais faz com que a rede seja simétrica.

Quanto à centralização da rede, de acordo com a medida de grau (*Freeman's degree centrality measures*) há o mesmo número de laços entrantes (*InDegree*) e que

saem (*OutDegree*) totalizando 44,89% de centralização da rede. Em relação à medida de proximidade (*closseness*), a rede está 62,96% centralizada.

Quanto a centralidade e papel dos atores, percebe-se o destaque do Reitor da UDELAR com o maior número de conexões *OutDegree* (laços que saem) e *InDegree* (laços que chegam). Ele é o mais central na rede por ter mais laços, sendo maior sua capacidade de acessar, direta ou indiretamente, outros atores na rede.

Em contrapartida, a UFSM e a UMA apresentam os menores índices de centralidade, fazendo com que a sua participação na rede, tendo em vista somente a análise estrutural fosse desnecessária e nula. Entretanto, ao se levar em consideração as dimensões relativa e cognitiva, bem como o objetivo principal da AUGM, elas são imprescindíveis para o início da integração da educação no Mercosul.

- **Dimensão relacional:**

Em relação aos laços na rede, a frequência dos encontros ainda não estava estabelecida, com isso no momento de formação não havia estabilidade na rede. As comunicações eram bidirecionais e recíprocas, mas o fluxo informacional não era tão ágil porque, como pode ser observado no mapa da rede, não havia conexão direta entre todos os membros da rede.

Neste ponto, percebe-se que o Reitor da UDELAR assume papel de porteiro ao ser o ator que controla o fluxo na rede por ser a única ligação entre uma parte e outra da rede. Este dado é confirmado pelo fato da reunião de fundação ter sido em Montevideu – Uruguai e o próprio ter convidado os demais Reitores dos distintos países.

Em relação à confiança, percebe-se a existência da mesma pelo fato dos Reitores já se conhecerem e terem a coragem de fundar uma associação juntos, mas para evitar oportunismos e legalizar a situação, é feita uma ata de fundação, o que caracteriza uma primeira norma e a formalização da rede.

- **Dimensão cognitiva e informacional:**

O objetivo compartilhado de desejo de integração e fortalecimento da educação pública na América do Sul fez com que os membros superassem com êxito as diferenças linguísticas do Português e do Espanhol.

A secretaria administrativa da AUGM afirma que nas reuniões cada Reitor ou representante “fala em seu idioma nativo de forma clara e devagar, assim todo se entendem”.

Além disso, a distância geográfica e a inexistência de tecnologias de informação como a internet, fizeram com que as comunicações fossem por carta ou telefone, demandando um certo tempo e dispêndio monetário. Acredita-se que por isso a diversidade, riqueza e volume de informações fosse muito pequenas em relação as de hoje. Essa afirmação é corroborada pelo Reitor da UFSM ao comentar que a próxima reunião após a fundação foi marcada por telefone.

4.2.2. Evolução da AUGM – de 1991 a 2001

O crescimento da rede deve-se a influência do capital social interpessoal dos oito reitores iniciais e a criação de uma sede organizacional. Afirma-se isso porque, de acordo com o Reitor da UFSM na época, após a reunião de fundação, os reitores voltaram a se reunir várias vezes, em diferentes locais, como em Asunción – Paraguai e Buenos Aires - Argentina, e foram organizando o regimento da organização. Ao mesmo tempo, foram convidando outras instituições, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no Brasil, que entrou para o grupo em 1992.

Em relação as atividades da organização, em 1993 ocorreu na UFSM a primeira Jornada de Jovens Pesquisadores da AUGM, que desde então acontece anualmente modificando o país e universidade sede do encontro. De acordo com a secretária de Assuntos Internacionais da UFPR e também corroborado com a secretária de Cooperação Internacional da UNICAMP, esse evento começou pequeno, com poucas universidades participantes; mas hoje assume a importância de reunir os alunos e

alguns professores das universidades membros, permitindo a realização de trabalhos de pesquisa em conjunto.

Em 1994, houve a criação dos núcleos disciplinares e comitês acadêmicos para trabalhar os temas problemáticos da região separadamente. Uma professora da UFRGS acrescenta que “a participação das universidades e professores nos encontros é voluntária, assim somente participam os que realmente estão engajados e desejam fazer um trabalho em conjunto”. Infere-se assim que o capital social da AUGM também é constituído pelo capital social interpessoal dos professores e alunos de cada universidade membro.

Essa informação é corroborada pelo depoimento da coordenadora de programas e projetos da AUGM ao comentar sobre a participação efetivas dos membros na rede:

Para mim, um dos indicadores mais importantes é a participação nos núcleos e comitês disciplinares porque é um agrupamento voluntário de docentes que trabalham o mesmo tema ou a mesma disciplina e que decidiram se juntar para trabalhar alguns temas. Mas ninguém cobra/controla/obriga porque não é a lógica de um departamento acadêmico ou disciplina. A AUGM não controla, mas faz um segmento e avaliação porque efetivamente é o único âmbito da organização sobre os quais seguem os programas.

Essas mobilidades docentes para participação nos encontros do núcleos disciplinares e comitês acadêmicos eram financiadas com apoio de cada universidade membro e da UNESCO. Pelo depoimento da delegada assessora da AUGM na UDELAR, e também mencionado pela delegada assessora da UNER, confirma-se que sem este apoio da UNESCO, seria ainda mais difícil a realização das mobilidades docentes.

Neste mesmo ano de 1994, foi realizada parceria com CRESALC – Centro Regional para a Educação Superior na América Latina e Caribe (hoje IESALC - Instituto Internacional da Unesco para a Educação Superior na América Latina e Caribe e CEFIR – Centro de Formação para a Integração Regional. Com estas parcerias, o delegado assessor da UNL, que também trabalhou na Secretaria Executiva da AUGM, afirma que “a rede foi sendo reconhecida fora dos muros das universidades membros”.

No ano de 2000 tem início o Programa ESCALA, oferecendo oportunidades de mobilidade acadêmica para alunos de graduação das universidades membro. Pelos dados secundários, observou-se que no segundo semestre do referido ano, houve mobilidade de seis estudantes entre sete universidades membros engajadas no projeto. No ano seguinte, cinquenta alunos fizeram intercâmbio entre treze universidades membros.

O crescimento rápido do número de intercambistas e de universidades abertas ao projeto de intercâmbio demonstrou o quanto era necessário um programa de mobilidade como o ESCALA na região. De acordo com um o Pró-Reitor de Extensão da UFSM: “os alunos necessitam ampliar seus horizontes. O intercâmbio é bem mais que uma troca de conteúdos, é um amadurecimento pessoal, de cultura, de vida. Todos deveriam ter a oportunidade de realizá-lo”.

De forma resumida em relação a essas atividades desenvolvidas pela organização, a delegada assessora da AUGM na UBA comenta que “foi uma das formas de deixar a AUGM mais visível para todos dentro da universidade”.

Com o passar do tempo e institucionalização da rede, foi estabelecido um critério de seleção para convite de novos membros: devem ser universidades federais já que o recurso utilizado seria público. Mesmo assim, percebe-se que houve influência pessoal dos reitores das universidades membros na seleção de novos entrantes pois os membros de cada país determinavam quem seriam os próximos convidados do seu país.

Em 1995, foi convidada a Universidade de Santa Catarina (UFSC), pois o seu Reitor era então o Presidente da ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Ressalta-se que no mesmo ano de 1995 foram convidadas outras duas universidades brasileiras também membros da ANDIFES: Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Outro ponto importante a ser analisado, que também mencionado em entrevista na Secretaria Executiva da AUGM, é a equiparação do número de universidades membro da Argentina e do Brasil. O número de universidade membro dos dois países

deve ser igual para que, sendo ambos grandes e de maior influência na América do Sul, um não tenha maior poder de voto que o outro dentro da organização. Neste ponto, além da dimensão estrutural do capital social, englobando a densidade e simetria da rede, deve-se levar em conta a dimensão relacional envolvendo questões ligadas à poder, identificação, confiança, normas e expectativas.

Em 1997, ocorreu uma reforma no Estatuto da AUGM, onde dizia que o Secretário Executivo da organização deveria ser o Reitor de uma das universidades membro. Esta mudança ocorreu porque então o Reitor da UDELAR e também Secretário Executivo da AUGM, em 1998 ele deixaria de ser Reitor da Universidade e, conseqüentemente, não poderia exercer mais o cargo de Secretário Executivo.

Neste momento, percebe-se que o capital social interpessoal ainda tem mais importância do que o capital social coletivo construído por meio na rede. O ex-Reitor da UDELAR e um dos fundadores da AUGM permaneceu então como Secretário Executivo da rede, que contava no ano de 2001 com quinze universidades membros.

Após um período de dez anos de fundação da AUGM, com base no mapeamento da rede e nas entrevistas, percebe-se as seguintes características das dimensões do capital social:

- **Dimensão estrutural:**

O número de membros aumentou de oito para quinze universidades, conforme visualizaremos no mapa da figura 3 a seguir.

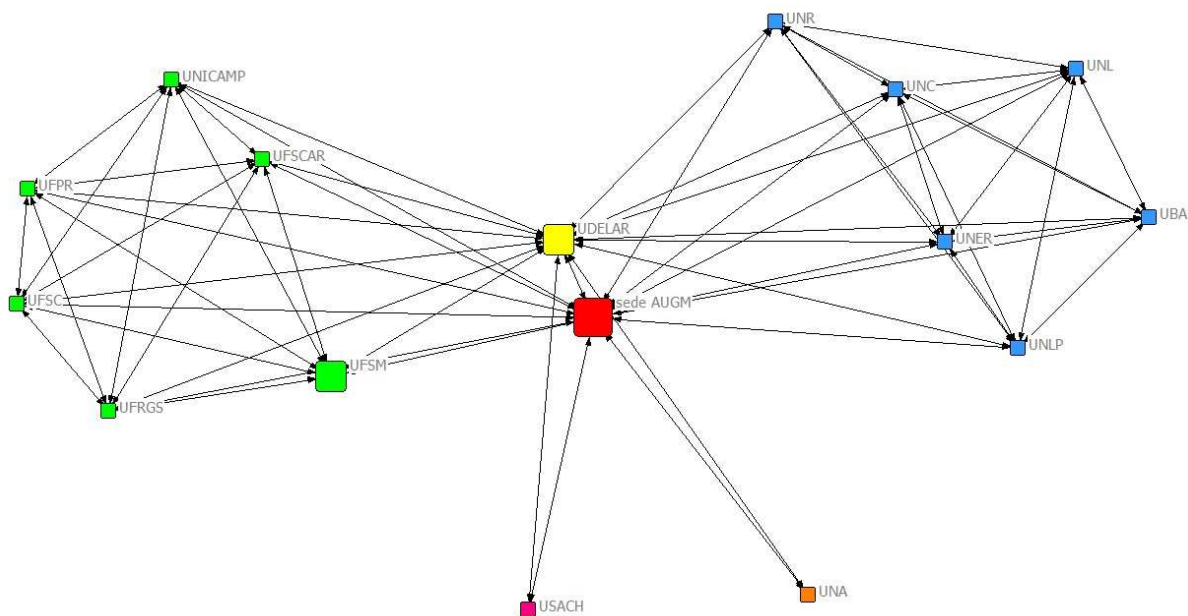


Figura 3: Mapa da rede AUGM em 2001. Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados primários de pesquisa

A densidade é de 49,17% significando que existe este número de laços em relação ao total de conexões possíveis. Analisa-se assim que com o aumento dos membros, houve uma dispersão dos laços na rede. Isto quer dizer que ocorreu 103 relacionamentos na rede ($k \times (k-1) \times 49\%$). relacionamento entre 7,4 dos 15 membros da rede. Quanto à simetria, o fato dos laços serem bidirecionais faz com que a rede permaneça simétrica.

Quanto à centralização da rede, de acordo com a medida de grau (*Freeman's degree centrality measures*) há o mesmo número de laços entrantes (*InDegree*) e que saem (*OutDegree*) totalizando 54,22% de centralização da rede. Em relação à medida de proximidade (*closseness*), a rede está 70,46% centralizada. Percebe-se assim que há um aumento da centralização da rede e infere-se que este dado deve-se a criação da sede da AUGM.

Quanto a centralidade e papel dos atores, percebe-se ao lado do Reitor da UDELAR, a sede da AUGM também obtém destaque com grande número de conexões *OutDegree* (laços que saem) e *InDegree* (laços que chegam). Estes dois nós são os

mais centrais na rede por terem mais laços, sendo maior a capacidade de acessar, direta ou indiretamente, outros atores na rede.

Por outro lado nota-se alguns nós mais isolados, como é o caso da UNA e USACH. Estas são as únicas universidades membros dos seus países, Paraguai e Chile, o que justifica essa posição e faz com que, apesar de sua baixa centralidade e de serem periféricos na rede, eles não sejam removidos e ainda tenham efeitos significativos na rede.

- **Dimensão relacional:**

A frequência e a estabilidade dos laços aumentaram na rede porque algumas organizações foram institucionalizando a rede AUGM internamente, como o caso da UFSM ao realizar a I Jornada de Jovens Pesquisadores em 1993. Entretanto, algumas questões relativas as conexões pessoais ainda permaneciam na rede, como pode ser percebido no discurso do Reitor da UFSM de 1994 a 1997 no livro comemorativo de quinze anos da AUGM:

A primeira impressão foi de um **clube de amigos (grifo nosso)**. Tal a harmonia e companheirismo que encontrei entre os Reitores das Universidades que compunham a AUGM quando a eles me juntei em 1994, como Reitor recém empossado da UFSM. A convivência me mostrou que além da amizade havia intenção proposta e **institucionalizada no grupo (grifo nosso)**. Os valores da excelência científica, da integração latino-americana e a consciência da educação como bem maior da cidadania, sempre pontificariam nas ações da AUGM. O papel desempenhado pela AUGM no fortalecimento dos laços de integração entre as nações do Cone Sul tem sido marcante ao longo da última década. Como toda a boa causa, o êxito da AUGM se deve sem dúvida ao engajamento da comunidade acadêmica das instituições parceiras (AUGM, 2006, p. 89).

Com o passar do tempo, a confiança e também as normas aumentam. Apesar de parecer que com o aumento de confiança não seria necessário normas, elas são imprescindíveis tratando-se de membros como universidades públicas de distintos países que necessitam leis e seguem processos burocráticos. Mesmo assim pode-se

afirmar que existe confiança porque somente entra na rede quem é convidado pelas universidades já membros.

Quanto ao papel dos atores na rede, percebe-se que a UDELAR começa a compartilhar o posto de porteiro com a sede da AUGM, sendo que esta segunda exerce principalmente a função de ligação ao não fazer parte da rede como uma organização universitária similar aos demais membros. Ela exerce a função de centralizadora das atividades propostas a serem desenvolvidas e ponto referencial para membros externos à rede AUGM.

Pode-se assim fazer referência ao depoimento da coordenadora de Programas e Projetos da AUGM, que explica o funcionamento da Secretaria Executiva (sede) da AUGM:

A AUGM tem uma Secretaria Executiva que tem uma área técnica que faz os programas serem desenvolvidos e se apoia em comissões que trabalham os temas. Assim, a AUGM planeja toda a arquitetura do programa e dá segmento para o programa ser operacionalizado pelas e nas universidades. São as universidades que convocam e recebem estudantes e docentes. Em geral, quando surge uma ideia para gerar um programa (como o Programa de Mobilidade para estudantes de pós-graduação), se forma uma comissão composta por um delegado de cada universidade. Essa é uma clássica forma de funcionamento da AUGM, que é através de comissões, grupos de trabalho, que são pessoas representantes de universidades que se reúnem para trocar ideias e sugestões para construir algo como uma política, um programa e para avaliar.

Percebe-se ainda que os membros se comunicam mais entre membros do próprio país. Sendo assim, as universidades argentinas e brasileiras tem um peso de voto superior que as universidades dos demais países. As primeiras polarizam a rede enquanto que as demais são atores “coadjuvantes”.

- **Dimensão cognitiva e informacional:**

Com o desenvolvimento do computador e de novas tecnologias de informação, houve um aprimoramento nos canais de comunicação envolvendo computador e

internet, o que fez com que a diversidade, riqueza e o volume de informação trocado entre os membros aumentasse.

Somado a isso, leva-se em consideração o aumento de atividades realizadas pelos membros em conjunto, como as Jornadas de Jovens Pesquisadores da AUGM, a criação dos núcleos disciplinares e comitês acadêmicos, as mobilidades docentes e o Programa ESCALA, oferecendo oportunidades de mobilidade acadêmica para alunos de graduação.

Essa evolução de comunicação na rede, bem como das dimensões cognitiva e informacional do capital social, ficará mais clara no mapa da rede em 2011, conforme será observado na sequência deste trabalho.

4.2.3. Evolução da AUGM – de 2001 a 2011

Com a mudança de Estatuto ocorrida em 1997, o ex-Reitor da UDELAR e um dos fundadores da AUGM foi Secretário Executivo da rede até 2005, quando teve que abandonar o cargo para assumir a função de Ministro da Educação do Uruguai. Mais uma vez, o capital social interpessoal, por meio de sua dimensão relacional, exerceu importante influência nas normas da organização em rede. Entretanto, percebe-se que nesta época a organização já estava institucionalizada e não dependente somente do capital social individual. A AUGM continuou suas atividades suportada por um capital social que havia se tornado coletivo. Acredita-se assim na noção de que o capital social só existe na rede, mas não se encerra nela.

Após o cargo de Ministro da Educação, o ex-Secretário Executivo da AUGM tornou-se Presidente do Partido Frente Amplio, o partido que está no poder do governo uruguaio desde então. Percebe-se assim, mais uma vez, a força da personalidade que durante quase quinze anos representou a AUGM. Infere-se assim que a AUGM é a única rede universitária na região do Mercosul em função da influência do capital humano, social e político dos seus membros.

Em 2005, assume o cargo de Secretário Executivo o então Reitor da UDELAR e como Secretário Acadêmico o ex-delegado assessor da UNL. Apesar da mudança de

pessoa no cargo, percebe-se que o cargo principal continuou sob comando da UDELAR.

Quando completou 15 anos, em 2006, houve uma reunião em Asunción-Paraguai e o Presidente da AUGM na época convidou os Reitores Fundadores da AUGM. O Reitor da UFSM da época de fundação da AUGM afirma: “tomei a liberdade de propor que se examinasse a possibilidade de criar um instituto de pesquisa ambientais porque a região é favorecida pela irrigação em função dos rios caudalosos”.

Durante esta reunião, o Reitor da UFPR informou que a ITAIPU Binacional tinha um recurso que poderia custear um programa/projeto de interesse multinacional. Então foi criada a UNILA – Universidade Federal da Integração Latino Americana, que está sob coordenação do mesmo Reitor que na época da fundação da AUGM participou das reuniões como Reitor da UFRGS. Será que foi uma indicação pessoal para assumir o cargo?

Em 2009 e 2010 ocorrem outras mudanças no estatuto e na estrutura da organização: o cargo de Presidente de AUGM é assumido pelo Reitor de uma universidade membro durante um ano e tem a função de representatividade da organização.

Vinculado a questão da presidência, o primeiro Presidente que assumiu em 2009 foi o então Reitor da UNER e foi sucedido em 2010 pelo Reitor da UNR. Hoje o cargo de Presidente está com o Reitor da UFSCAR. Neste espaço de tempo, o secretário executivo em exercício é o ex-delegado assessor da UDELAR.

Quanto ao crescimento do número de universidades membro, expõe-se que em Setembro de 2010 a Diretoria da AUGM percorreu diversas universidades dos países do Mercosul convidando-as para participar da organização em rede. Neste momento, assinaram o acordo as argentinas Universidade Nacional de Cuyo (UNCUYO) e Universidade Nacional del Nordeste (UNNE), totalizando dez universidades argentinas após a entrada da Universidad Nacional de Córdoba (UNC) em 1997, da Universidad Nacional de Mar Del Plata (UNMDP) em 1999, e da Universidad Nacional de Tucumán (UNT) em 2004.

A universidade brasileira a tornar-se membro da rede AUGM em 2010 foi a Universidade Federal de Goiás (UFG). Ressalta-se que, primeiro as universidades pediam para participar da rede, mas agora são convidadas pelas demais universidades membro da AUGM no mesmo país. Um dos funcionários da sede da AUGM em Montevideú, comenta que:

Na minha opinião, creio que com isso perdemos o que é melhor para a AUGM. Por exemplo a Universidade de Goiás entrou para a AUGM concorrendo com a UFRJ. Para a AUGM, seria prioritário que a UFRJ fosse membro, mas entrou a de Goiás por eleição dos reitores brasileiros membros da AUGM, que respondem a outras situações e conjunturas... como nesse momento o Reitor de Goiás era presidente da ANDIFES, respondeu a outra necessidade, mas não era a necessidade da AUGM.

No Paraguai foram convidadas e aceitaram fazer parte da rede a Universidad Nacional del Este (UNE) e a Universidad Nacional de Itapoa (UNI). No caso do Chile, quem tornou-se membro foi a Universidad de Playa Ancha (UPLA). Na Bolívia, as duas universidades que assinaram acordo de cooperação e tornaram-se membros da AUGM foram a Universidad Mayor de San Andrés (UMSA) e a Universidad Mayor, Real y Pontificia de San Francisco de Chuquisaca (UMRPSFXCH).

De acordo com o Secretário Executivo da AUGM, a participação tanto da UFG quanto das universidades andinas do Chile e Bolívia fortalecem o eixo bioceânico da rede, o qual permite um intercâmbio regional de extremo a extremo do continente.

Do ponto de vista das novas universidades entrantes, pode-se mencionar o exemplo da argentina UNCUYO, que é membro recente porque “para o estudante o acesso ao estudo no exterior é muito difícil e caro, assim tem que ser através de bolsas como as que o Programa da AUGM fornece e outros programas de intercâmbio”, afirma a delegada assessora da universidade. Um dado secundário para corroborar com a importância do programa ESCALA de mobilidade estudantil é que, no ano de 2010, 516 alunos foram intercambistas entre 21 universidades membros da rede.

Somado a isso, a delegada assessora da UNCUYO expõe o contexto da última gestão da universidade, que tem dado atenção a internacionalização da universidade, sobretudo com America Latina e Mercosul. Uma prova disso é que o Reitor buscou

fazer parte da AUGM e Associação de Universidades Sul-Andinas (AUSA) – formada há três anos na Argentina com universidades de mesma idiossincrasia.

Ao refletir sobre a integração de novos membros, a coordenadora de Programas e Projetos da AUGM menciona que no ano de 2008 uma universidade boliviana não terminou o processo de integração: “se afiliou mas não participou”. Em dezembro de 2010, ingressaram duas universidades bolivianas novas e que estão participando e demonstrando interesse. Segundo ela, o que se observa da história e evolução da organização, é que as universidades iniciais continuam sendo universidades importantes na rede, isso pode ser um elemento que determine ou indique maior ou menor atividade.

Infere-se assim que, com o tempo, o capital social interpessoal passa a ser coletivo tanto para a rede AUGM quanto para as organizações membros já que o mesmo não se restringe na rede.

Apesar do capital social tornar-se coletivo na rede, a delegada assessora da universidade boliviana UMSA e o delegado assessor da paraguaia UNE comentam que se sentem algumas vezes “perdidos” em relação a alguns trâmites burocráticos para a realização de intercâmbio dos seus alunos, como no aproveitamento de disciplinas após a realização da mobilidade acadêmica. “Eu não consigo fazer reaproveitamento das disciplinas” expões a delegada assessora da UMSA.

Entretanto, cabe ressaltar que esta foi uma dificuldade levantada por vários representantes de universidades membros em reunião de trabalho durante a XIX Jornada de Jovens Pesquisadores, que ocorreu em Ciudad Del Este – Paraguai em Outubro de 2011. Demonstrando assim que, apesar de alguns processos já estarem institucionalizados, outros ainda estão sendo revistos e a bem elaboração dos mesmos é necessária para o bom andamento das atividades entre as universidades membros da rede.

Assim, após um período de vinte anos de fundação da AUGM, com base no mapeamento da rede e nas entrevistas, identifica-se as seguintes características das dimensões do capital social:

- **Dimensão estrutural:**

Em 2011, a rede da AUGM conta com vinte e oito membros de seis países distintos, conforme pode ser observado na figura 4 a seguir.

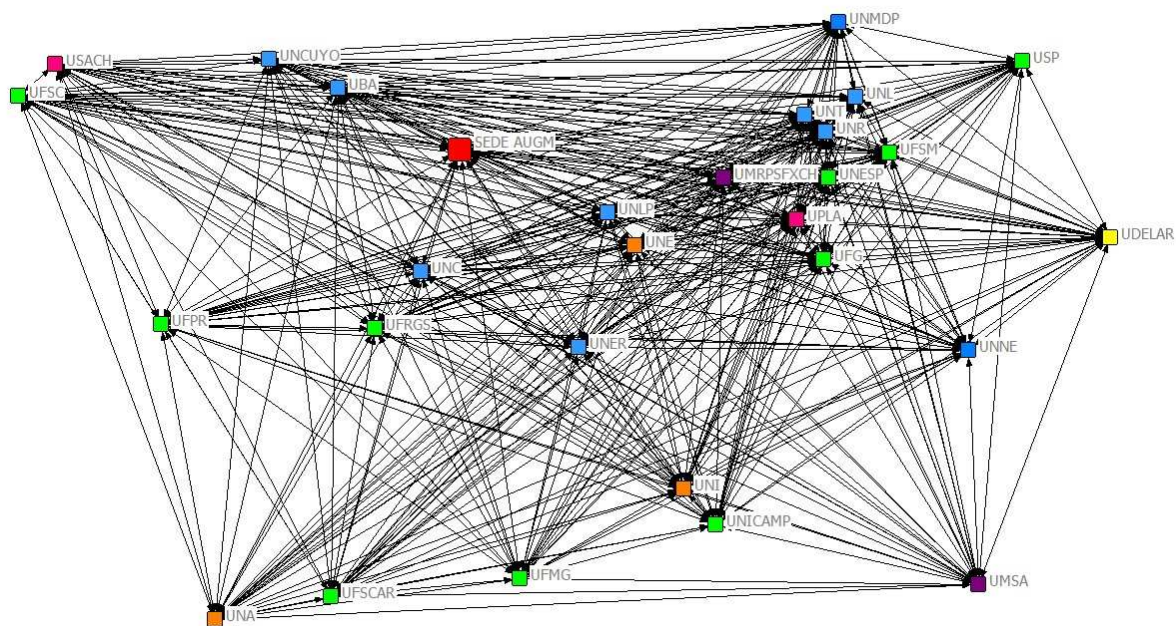


Figura 4: Mapa da rede AUGM em 2011. Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados primários de pesquisa

Ao completar vinte anos percebe-se o crescimento da rede e institucionalização da mesma em função de sua alta densidade (100%) e baixa centralidade (0%), além da simetria e reciprocidade entre os membros (100%) da rede. Isso quer dizer que ocorre 756 laços na rede ($k \times (k-1)$).

Esse resultado é contrário ao que se espera quando um grupo se torna maior, pois a proporção de todos os laços que podem logicamente estar presentes, que significa a densidade, deveria cair, dando espaço a grupos internamente da rede.

Esta alta conectividade pode ser devida as distintas atividades existentes na AUGM que obrigam o relacionamento entre os membros da rede, como é o caso do Programa ESCALA de Mobilidade, onde cabe as universidades membros abrirem

vagas em seus cursos de interesse para intercâmbio, oferecer aos demais participantes e receber alunos do mesmo curso de outras universidades.

Isso pode ser percebido de acordo com o depoimento do aluno intercambista do curso de Letras da USACH que estudou no segundo semestre de 2011 o mesmo curso na UFPR: “Eu vim estudar na UFPR porque eu me candidatei na coordenação do meu curso lá na USACH. Eles receberam um aluno da UFPR no meu lugar”.

Além disso, apesar do mapa da rede demonstrar densidade e conectividade de 100% e sem centralização, conforme seria o ideal de uma organização em rede, deve-se levar em consideração o tamanho e localização de cada universidade membro. Essa afirmação deve-se a fala da coordenadora de Programas e Projetos da AUGM, que afirma que hoje as universidades que compõem AUGM são muito distintas:

algumas mais pequenas, outras de lugares menos urbanos ou mais longe das cidades mais importantes dos países. O nosso grande desafio nos últimos tempos tem sido integrar as universidades de Bolívia, que são universidades novas para nós, que tem uma realidade distinta em relação as da região do Rio de La Plata.

Uma reflexão cabível neste sentido e que também está ligada as dimensões relacional e cognitiva do capital social é de que forma e até que ponto as características culturais distintas em função da distância geográfica influenciam no desenvolvimento da organização em rede.

Por último, conforme será observado nas dimensões cognitiva e informacional do capital social na rede, as novas tecnologias de comunicação também podem ter auxiliado para tornar a rede organizacional mais densa e menos centralizada.

- **Dimensão relacional:**

Assim como em 2001, a frequência dos encontros é estabelecida em função das atividades da AUGM, proporcionando uma estabilidade para a rede. A rede permanece bi-direcional, gerando reciprocidade entre os membros.

Essa estabilidade também pode ser observada na durabilidade dos laços da rede, ou seja, todos os membros que fundaram e entraram ao longo do tempo na rede nela permaneceram.

Quanto à confiança e normas na rede, elas se tornam cada vez mais necessárias em função do grande número de atores e das atividades desenvolvidas pelo conjunto de membros. Por exemplo, para os programas de intercâmbio ocorrerem com sucesso, todas as universidades membro devem ceder informações sobre as vagas que possuem para receber e, conseqüentemente, enviar alunos e professores.

Percebe-se pelo mapa da rede que não há mais a presença de um ator central, exercendo o papel de estrela ou de porteiro como ocorria antes com a UDELAR e a sede da AUGM. Isto se deve ao fato de que a rede está densa e não centralizada em função das atividades que não necessitam de uma coordenação direta, como o próprio programa ESCALA de mobilidade acadêmica que é organizado entre os membros da rede sem dependência única da sede da AUGM. A sede entra com um papel mais de mediadora de conflitos e representante da rede do que de gestora única dos programas e atividades da organização.

Neste sentido, pode-se inferir que o capital social da AUGM permeia as organizações membros já que as mesmas são capazes de gerenciar as atividades da AUGM internamente e com outros membros sem depender exclusivamente da sede da organização. Além do Programa ESCALA, outros exemplos de coordenação entre os membros da rede independentemente da sede são os comitês acadêmicos e os núcleos disciplinares, que conforme a coordenadora de Programas e Projetos da AUGM comentou, são coordenados por professores voluntários das universidades membros.

- **Dimensão cognitiva e informacional:**

Com o passar do tempo e a modernização das tecnologias, o acesso a comunicação ficou muito mais fácil e rápido, aumentando assim a diversidade, riqueza e volume de conteúdo trocado entre os membros de uma rede.

No caso específico da AUGM, existem três formas de trabalhar a comunicação: interna, externa e intranet.

Na rede de comunicação interna tradicional, cada universidade tem um representante, que geralmente é quem trabalha Comunicação no setor de Relações Internacionais. A AUGM transmite a informação de uma universidade à outra e cada representante transmite dentro de sua universidade. Essa rede em algum momento deve seguir um fluxo de comunicação não-administrativa. Já a rede de comunicação externa, abrange o site da AUGM e Boletim Informativo, que tinha como plano ser mensal.

A novidade, de acordo com o responsável por comunicação da rede, são as ferramentas de comunicação entre Delegados Assessores e secretários das universidades membros via intranet. Este sistema permite acesso aos dados dos intercambistas, além do acesso a documentos burocráticos como requerimentos para visto e cartas circulares.

Segundo responsável pela área de comunicação da AUGM, é utilizado muito e-mail e alguns contatos telefônicos, mas não usufruem de ferramentas como Skype e Messenger para estabelecer uma comunicação mais instantânea.

Por fim, o entrevistado comenta que estão estudando uma “metodologia de trabalho” na intranet para dar conta dos núcleos disciplinares e comitês acadêmicos com dois objetivos:

- divulgar pesquisas e trabalhos, ou seja, criar uma biblioteca pública digital/online;
- melhorar conexão entre os membros e fazer uma rede de intercambistas.

Analisa-se assim que, essas novas tecnologias e adaptação dos canais de comunicação contribuem para a conectividade dos membros, tornando a rede mais densa e menos centralizada, proporcionando um ambiente mais adequado para o compartilhamento do capital social interpessoal e formação de um capital social coletivo da AUGM.

Para finalizar, no quadro 5 a seguir pode-se observar de forma resumida e esquemática o capital social na rede AUGM nas distintas dimensões conforme indicadores pré-estabelecidos ao longo deste trabalho.

Capital social na rede	Indicadores	1991	2001	2011
Dimensão Estrutural	1-Tamanho 2-Densidade/ conectividade 3-Simetria 4-Centralização	1-8 membros = pequena 2-60% ou 33,6 laços 3-Simétrica 4- 44% de grau e 62% de proximidade; Reitor UDELAR com maior centralidade	1-15 membros 2-49% ou 103 laços 3-Simétrica 4- 54,22% de grau e 40% de proximidade; Reitor UDELAR e SEDE AUGM com maior centralidade	1-28 membros 2-100% ou 756 laços 3-Simétrica 4- 0%
Dimensão Relacional	1-Frequência e estabilidade 2-Direção e Reciprocidade 3- Confiança 4- Normas 5- Papel ator	1 – não tem 2- bidirecional e recíproca (rede simétrica) 3- existe para começar rede 4- foi estabelecido para formalização da AUGM 5- Reitor UDELAR como estrela e porteiro – única ligação entre partes da rede	1 – existe em função do aumento de membros e atividades 2- bidirecional e recíproca (rede simétrica) 3- existe no convite de novos membros 4- necessária com o aumento de membros e atividades 5- Reitor UDELAR e sede AUGM como estrela e porteiros – ligação entre partes da rede	1 – existe em função das atividades da rede 2- bidirecional e recíproca (rede simétrica) 3- existe para realização de atividades entre os membros 4- necessária com o grande número de membros e atividades 5- não há atores centrais em destaque
Dimensões Cognitiva e Informacional	1-Códigos linguagem 2-Diversidade, riqueza e volume informação 3- Canais/Veículos de informação	1-Português e espanhol 2-Pouca informação 3-telefone e carta	1-Português e espanhol 2- Aumento informação 3- começa internet, e-mail; ainda há por telefone e carta	1-Português e espanhol 2- Boletim Informativo; Intranet 3- internet, e- mail; ainda há por telefone e carta

Quadro 5 – Análise das dimensões do capital social na rede AUGM. Elaborado pela autora a partir dos dados primários e secundários de pesquisa.

O quadro 5 demonstra de forma clara que, com o passar dos 20 anos, a rede foi absorvendo novos membros e foi descentralizada. Com isso, os laços passaram a permear toda a AUGM. Este fato deve-se também em função da frequência e estabilidade das atividades desenvolvidas em conjunto pelas universidades membro da organização.

Como resultado final pode-se afirmar que enquanto em 1991 ocorreu a formação, no período de 1991 a 2001 a AUGM foi adquirindo maturidade para se consolidar no período de 2001 a 2011. Essa consolidação pressupõe uma institucionalização, dado que ocorreu uma tipificação das atividades na organização em rede AUGM. Essa afirmação é corroborada pelo fato de que as pessoas membro (capital social interpessoal) modificaram-se ao longo tempo, mas as atividades da AUGM permaneceram e a mesma cresceu em número de universidades membro e laços. Isto possibilita e resulta na criação de capital social próprio da organização em rede AUGM.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual contexto de sociedade em redes (CASTELLS, 1999) e do conhecimento (BERNHEIN, 2006), as universidades desenvolvem diferentes atividades de cooperação que se transformam em convênios interinstitucionais e na formação de redes organizacionais. Essas redes começam em função das relações pessoais estabelecidas entre os membros das comunidades acadêmicas e científicas.

Com este pressuposto, o presente trabalho teve como objetivo principal analisar como o capital social influenciou a configuração da Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) no período de 1991 a 2011.

O objeto escolhido para estudo de caso com abordagem qualitativa foi a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM). Esta organização tem sua particularidade porque, além de ter sido fundada em 1991 como uma rede internacional, é a única organização ativa hoje composta por universidades públicas presente na região do Cone Sul da América do Sul.

A importância desse estudo justifica-se pelo fato de observar o desempenho organizacional sob a perspectiva sociológica do capital social, não sendo somente uma análise econômica da organização.

O objetivo geral foi alcançado por meio de quatro objetivos específicos. O primeiro objetivo específico era mapear as universidades membro da Associação de Universidades Grupo Montevideu no período de 1991 a 2011. Este foi realizado com corte temporal aleatório nos anos de 1991, 2001 e 2011. Por meio das informações secundárias (documentos e website da AUGM) em triangulação com as entrevistas foi analisado pelo *software* UCINET.

Após este mapeamento, foi alcançado o segundo objetivo específico que era descrever a rede AUGM como um todo, seus laços e o papel dos atores por meio dos atributos de densidade, centralidade e simetria dos relacionamentos na rede AUGM.

O terceiro objetivo específico, identificar os atributos das dimensões estrutural, relacional e cognitiva e informacional do capital social existentes na rede AUGM,

também foi possível com base no mapeamento realizado e, ainda mais importante, com base nas observações e entrevistas realizadas.

Neste ponto, deve-se mencionar que a dimensão estrutural foi analisada conjuntamente com a organização em rede, ressaltando a necessidade de selecionar três indicadores para as demais dimensões do capital social, sendo a confiança e a reciprocidade na dimensão relacional e canais de comunicação na dimensão cognitiva e informacional.

A confiança foi analisada de acordo com o controle de comportamentos oportunistas e indesejados coletivamente. No caso específico da formação e evolução da rede AUGM, percebe-se a mesma tanto nas relações entre os membros quanto nos convites para novos membros, mantendo-se uma rede fechada para “conhecidos” e “confiáveis”.

A reciprocidade foi observada de acordo com Coleman (1988) e Burt (1992), levando em consideração se assume tipologia de balanceada/específica ou de generalizada/difusa. Como desde o início da rede as relações foram simétricas, sendo bi-direcionais entre todos os membros, além de ser realizada supondo a mesma troca de professores, alunos e materiais entre as universidades, ela pode ser considerada como de tipologia balanceada ou específica.

Os canais de comunicação foram analisados tanto em relação aos veículos de comunicação quanto em relação ao tipo de conteúdo e linguagem utilizada. Com o passar do tempo e o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação (TICs), como a internet, o acesso a comunicação ficou muito mais fácil e rápido, aumentando assim a diversidade, riqueza e volume de conteúdo trocado entre os membros de uma rede. No caso específico da AUGM, existem três canais distintos de trabalhar a comunicação: interna, externa e intranet. Na interna, cada universidade tem um representante para o qual a AUGM transmite a informação de uma universidade à outra e este transmite dentro de sua universidade. Já a rede de comunicação externa, abrange o site da AUGM e Boletim Informativo. O sistema de intranet permite acesso aos dados dos intercambistas, além do acesso a documentos burocráticos como requerimentos para visto e cartas circulares.

O quarto e último objetivo específico, que coincide com o objetivo geral, foi alcançado ao constatar-se que o capital social, em suas distintas dimensões, contribuiu para a formação e evolução da rede internacional de universidades AUGM.

No ano de 1991, quando reuniram-se em Montevideu -Uruguai Reitores de oito universidades de quatro países distintos, sendo que a grande maioria (cinco) eram da Argentina e os outros do Brasil, Paraguai e do próprio Uruguai, tornando perceptível um viés de conexão interpessoal na reunião. Cada Reitor se fez presente neste encontro por convite de algum outro Reitor conhecido, neste ponto podemos caracterizar a existência do capital social interpessoal na formação da rede AUGM. Este capital social interpessoal fez com que a rede não fosse tão densa e que fosse centralizada pelo Reitor da UDELAR, que exercia o cargo de Secretario Executivo da nova organização, sendo tanto estrela como porteiro na organização em rede. Em relação a dimensão cognitiva e informacional do capital social neste princípio da AUGM, o objetivo compartilhado de desejo de integração e fortalecimento da educação pública na América do Sul fez com que os membros superassem com êxito as diferenças linguísticas do Português e do Espanhol.

No período de 1991 a 2001, ocorreu uma formalização da AUGM por meio de novas atividades e programas, como no evento das Jornadas de Jovens Pesquisadores que acontece anualmente teve início em 1993; os comitês acadêmicos e núcleos disciplinares para trabalho entre professores e alunos das universidades teve início na sequência; e o programa ESCALA de mobilidade acadêmica começou em 2000. Com este projetos em andamento, o Estatuto da organização também sofreu mudanças. O Secretario Executivo permaneceria o ex-Reitor da UDELAR e um dos fundadores da rede, mas os novos membros deveriam ser convidados após uma reunião do Conselho de Reitores. Em adição, o capital social interpessoal dá lugar a formação do capital social coletivo da própria rede já que as pessoas que fundaram a organização, em sua maioria, não estavam presentes nas universidades membros.

No período de 2001 a 2011, a rede tornou-se mais densa com grande conectividade e baixa centralidade, sem a presença de um ator central, exercendo o papel de estrela ou de porteiro como ocorria antes com a UDELAR e a sede da AUGM.

A sede da exerce mais um papel mais de mediadora de conflitos e representante da rede do que de gestora única dos programas e atividades da organização em rede.

Entre as razões a que se atribui esta mudança no mapa e institucionalização da AUGM estão: o aumento de membros, a organização de atividades da rede realizadas pelos membros em conjunto, como o Programa ESCALA de mobilidade acadêmica bem como os comitês acadêmicos e núcleos disciplinares, além das novas tecnologias e adaptação dos canais de comunicação contribuem para a conectividade dos membros, proporcionando um ambiente mais adequado para o compartilhamento do capital social interpessoal e formação de um capital social coletivo da organização em rede AUGM.

Conclui-se que além da dimensão estrutural do capital social suportada pelo formato de organização em rede, as dimensões relacional, cognitiva e informacional contribuem de forma positiva e indispensável para a evolução da AUGM. Por meio da identificação e das relações de confiança foi possível estabelecer normas e expectativas para o desenvolvimento das atividades da rede, levando em conta uma mesma linguagem de significados acadêmicos e uma riqueza de informação estabelecida por canais apropriados.

Por fim, percebe-se assim que, em razão de um conjunto de ativos intangíveis, desenvolvido com base nas relações interpessoais mantidas na rede organizacional, a AUGM foi institucionalizada tanto nas universidades membro como no ambiente internacional, possuindo assim um capital social coletivo.

Neste ponto ressalta-se como o capital social circula tanto no nível micro (do indivíduo) quanto no macro (da organização e da rede), ou seja, o capital social pode ser interpessoal e coletivo ao mesmo tempo pois não se deve imaginar como sendo uma transição ou mudança de nível, mas como uma interação entre eles, conforme propôs o modelo de Beckert (2010).

Como proposta para pesquisas futuras, sugere-se o aprofundamento desta questão de níveis do capital social, pois o mesmo é teorizado sob distintos aspectos, seja como bem interpessoal ou coletivo, mas ele permeia as organizações de ambas as formas, pois não é passível de se afirmar se é a rede que cria um capital social ou se é o capital social que cria a rede. Isso porque um influencia o outro, mas tampouco um se

restringe ao outro. O capital social não se restringe a rede, mas sem a rede, o capital social coletivo não seria criado.

Outra sugestão de pesquisa futura surge de uma reflexão após uma das entrevistas realizadas e que está ligada as dimensões estrutural, relacional e cognitiva do capital social para estudar de que forma e até que ponto as características culturais distintas em função da distância geográfica influenciam no desenvolvimento da organização em rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, P. S.; KWON, S. Social capital: prospects for new concept. **Academy of Management Review**, Mississippi, v. 27, n. 1, p. 17-40, 2002.

ALTBACH, P.G.; KNIGHT, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, p. 290-305, 2007.

Asociación de Universidades del Grupo Montevideo (AUGM). Disponível em: <www.augm.edu.uy>. Acesso em: 10 Nov 2011.

Asociación de Universidades del Grupo Montevideo (AUGM) – 15 años de historia, 2006. Disponível em: <www.augm.edu.uy>. Acesso em: 10 Nov 2011.

BALESTRIN, A. VERSCHOORE, J.R. ; JUNIOR, E.R. O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. **RAC**, Curitiba, v. 14, n. 3, p. 458-477, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARRINGER, B.R.; HARRISON, J.S. Walking a tightrope: creating value through interorganizacional relationships. **Journal of Management**. v. 26, n.3, p 367-403, 2000.

BECKERT, J. How Do Fields Change? The Interrelations of Institutions, Networks, and Cognition in the Dynamics of Markets. **Organization Studies**. v. 31, n. 5. 2010.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **UCINET for Windows**: Software for Social Network Analysis. Boston: Harvard Analytic Technologies, 2002. Disponível em: <http://www.analytictech.com/ucinet/ucinet.htm>. Acesso em: 10 Nov 2011.

BORGATTI, S. P.; FOSTER, P. C. The Network Paradigm in Organizational Research: A Review and Typology, **Journal of Management**, v. 29, n. 6, p. 991-1013, 2003.

BORGATTI, S. P.; MEHRA, A.; BRASS, D. J.; LABIANCA, G. Network Analysis in the Social Sciences. **Science**, v. 323, n. 5916, p. 892-895, 2009.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In. : RICHARDSON, J.G. **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, p.241-258, 1986.

BOURDIEU, P. O capital social - notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

BRUNIE, A. Meaningful distinctions within a concept: Relational, collective, and generalized social capital, **Social Science Research**, n. 38, p. 251-65, 2009.

BULGACOV, S.; BULGACOV, Y.L.M. **A Construção do Significado nas Organizações**. Revista de Administração FACES. v. 6, n. 3, 2007.

BURBANO, G. Surgimento e Importância das Redes Universitárias na América Latina e Caribe. **Boletim Iesalc informa**. Setembro, 2010, n. 210. Disponível em: <http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=article&id=2374:surgimiento-e-importancia-de-las-redes-universitarias-en-america-latina-y-el-caribe&catid=6:editorial&Itemid=729&lang=br>. Acesso em: 15 Mar 2011.

BURT, R.S. **Structural Holes: the social structures of competition**. Harvard University Press, 1992.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede – a era de informação: economia, sociedade e cultura**. Porto Alegre: Paz e Terra, 1999.

CHERMANN, L. P. **Cooperação Internacional e Universidade: Uma nova cultura no contexto da globalização**. São Paulo: Educ, 1999.

CHILD, J. FAUKNER, D. **Strategies of co-operation: managing alliances, networks, and joint ventures**. New York: Oxford University Press, 1998.

COLEMAN, J. S. Social Capital in the Creation of Human Capital. **American Journal of Sociology**. v. 94, p. S95-S120, 1988.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CROPPER, S.; EBERS, M.; HUXHAM, C.; RING, P.S. Introducing inter-organizational relations. In: _____. (Eds.), **The oxford handbook of inter-organizational relations**. New York: Oxford University Press Inc., p. 3- 30, 2008.

Declaração da Conferência Regional da Educação Superior na América Latina e Caribe - CRES 2008. Disponível em:

<www.iesalc.unesco.org.ve/.../declaracaocres_portugues.pdf >. Acesso em: Jan 2011.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. In W. Powell, & P. J. DiMaggio. (Eds.). **The new institutionalism in organizational analysis**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

DIDRIKSSON, A. La autonomia universitária desde su contemporaneidad. **Universidades**. n. 31, 3- 16, 2006.

EBERS, M. **The Formation of inter-organizational networks**. Oxford University Press, 1997.

GODOI, C.K. et al. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, A.S. Estudo de caso qualitativo. In.: GODOI, C.K. et al. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOTTIFREDI, J. C. A universidade latino-americana frente aos desafios do mundo atual. In: PANIZZI, Wraha Maria (org.). **Universidade: um lugar fora do poder**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

GRANDORI, A; SODA, G. Inter-firm networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization Studies**, vol. 16, n. 2, p. 183-214, 1995.

GRANOVETER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n.6, p.1360-1380, 1973.

GRANOVETTER, M. Problems of explanation in economic sociology. In.: Nohria, N. ; Eccles, R.(eds). **Networks and Organizations: Structure, Form and Action**. Boston, Mass: Harvard Business School Press, 1992.

GONÇALVES, S. A. **Formação e Dinâmica de Campos Organizacionais**: um estudo exploratório de IES privadas de Curitiba (PR). Tese de Doutorado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2006.

GUADILLA, C. G. Educação Superior comparada. **O protagonismo da internacionalização**. IESALC-UNESCO. Caracas: CENDES, 2010.

HALL, R. H. **Organizações**: estruturas, processos e resultados. 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

HANNEMAN, R. A.; RIDDLE, M. **Introduction to Social Network Methods**. Riverside: University of Califórnia, 2005. Disponível em: <http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/index.html>. Acesso em 15 Mar 2011.

HELD, D; MCGREW, A. **Prós e contras da globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HIGGINS, S. S. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó: Argos, 2005.

IANNI, O. Globalização: novos paradigmas das ciências sociais. **Estudos Avançados**, vol. 8, n. 21, p. 147-163, 1994.

IESALC - Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe. Disponível em <<http://www.iesalc.unesco.org.ve>>. Acesso em: 14 dez 2010

KOKA, B.R.; PRESCOTT, J. Strategic alliances as social capital: A multidimensional view. **Strategic Management Journal**, v. 23, p. 795-816, 2002.

LIN, N. **Social Capital: A Theory of Social Structure and Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MARSH, D. FURLONG, P. A skin, not a sweater: ontology and epistemology in political science. In.: MARSH, D.; STOKER, G. **Theory and methods in Political Science**. Pallgrave MacMillan, 2002.

MARTELETO, R.M.; SILVA, A.B.O. **Redes e Capital Social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. Brasília, v.33, n.3, p.41-49, 2004.

MARTINS, G.A.; THEÓPHILO, C.R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MONGE, P.R. ; CONTRACTOR, N.S. Emergence of communication networks. In F.M. Jablin and L.L. Putnam (Eds.), **New handbook of organizational communication** (Pp. 440-502). Newbury Park, CA: Sage, 2001.

MOROSINI, M.C. (Org.). **Mercosul/Mercosur: políticas e ações universitárias**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. Social Capital, intellectual capital and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, v.23, n.2, p.242-266, 1998.

OCDE - **Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. Disponível em <www.oecd.org>. Acesso em: 14 out 2010.

OLIVER, A.L. Determinants of interorganizational relationships: integration and future directions. **Academy of Management Review**. v.15. n.2, p 241-265, 1990.

PODOLNY, J. M.; PAGE, K. L., Network forms of organization. **Annual Review of Sociology**, n. 24, 1998.

PORTES, A. Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. **Annual Review of Sociology**, n. 24, 1998.

PUTNAM, R. D. **Bowling alone: the collapse and revival of American community**. New York: Simon & Schuster, 2000.

SEBASTIÁN, J. **Cooperação e Internacionalização das Universidades**. Argentina: Editorial Biblos, 2004.

SCOTT, J. **Social Network Analysis: a handbook**. 2 ed. London: Sage Publications, 2000.

SCOTT, W. R.; DAVIS, G. F. **Organizations and organizing: rational, natural, and open systems**. New Jersey: Prentice Hall, 2006.

STALLIVIERI, L. **Estratégias de Internacionalização das Universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

VELHO, L. Redes regionais de cooperação em C&T e o Mercosul. **Parceria Estratégica**. n.10. Brasília: MCT/CEE, 2001.

VERGARA, S.C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WOOLCOCK, M.; NARAYAN, D. Social capital: implications for development theory, research and policy. **The World Bank Research Observer**, Washington, v. 15, n. 2, p.225-249, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.